



Acidentes de Trabalho

/ entrevista com Jorge Silva Melo / p.3

O mundo num autocarro ou o mergulho cosmopolita

/ Luis Manuel Filipe / p.12

Festival músicas do mundo A música com espírito de aventura

/ Carlos Seixas / p.15

05

Propriedade

AJAGATO
Associação Juvenil Amigos do GATO

Coletivo de Redacção

João Madeira
Manuel Fonseca Santos
Maria Afonso
Mário Primo
z.dado

Colaboram neste número

Carlos Mota
Carlos Seixas
Carlos Sobral
David Pádua
Dora Isabel Batalim
Edgar Raposo
Filipe Sousa
Hugo Lopes
João Paulo Lôbe
Julia Garcia
Luís Cruz
Luís Manuel Filipe
Maria Afonso
Martins Quaresma
Nuno Silva
Paula Barroso
Tiago Bartolomeu Costa

Concepção Gráfica

Paginação
Pedro Dias

Periodicidade

Semestral

Impressão

Tipografia Avenida

Tiragem

1200 exemplares

Custos

Cena e meia

Contactos

AJAGATO / Centro de Actividades Pedagógicas
Alda Guerreiro / 7500 - 160 Vila Nova de Santo
André / Tel. 269 744 344 / Fax 269 758 167
www.gatosa.com
e-mail: cenas@gatosa.com
e-mail: geral@gatosa.com

EDITORIAL

Aumentar, ao fim de quatro edições, o número de páginas de Cena's de 28 para 32 corresponde ao impulso de crescimento com que acolhemos opiniões e comentários de leitores e amigos. Corresponde, deste ponto de vista, à consolidação do projecto, ao conforto com que do ponto de vista estritamente editorial nos permite ir repensando em permanência o que fazemos e introduzindo alterações, pequenas alterações, com que julgamos ir aperfeiçoando a estrutura da revista.

É certo que ainda estamos a acertar o passo com a regularidade de edição a que nos propusemos, embora, no nosso entendimento, isso nem seja propriamente o essencial e o objectivo de três-quatro revistas anuais permaneça possível no horizonte.

Porém, é ainda com a noção nítida que as ferramentas logísticas com que trabalhamos são muito artesanais e continua instável o indispensável suporte financeiro, que vai sendo

conseguido quase número a número, a pulso sempre a exigir uma engenharia que perturba a serenidade com que entendemos que devemos estar na Cena's, no pressuposto que o nosso trabalho é, e deve continuar a ser, fundamentalmente voluntário, feito de gosto, entusiasmo e disponibilidade.

Por isso, reconhecendo a importância dos subsídios e apoios com que diferentes e distintas entidades, públicas e privadas, nos vêm facultando é a um quadro contratualizante e ao estabelecimento de acordos específicos, mas de médio ou longo prazo, que aspiramos. Esta forma de relacionamento com os nossos parceiros, será porventura nova nos círculos em que nos movemos, mas, julgamo-lo, com a mesma sinceridade com que o dizemos, mais adequada à função social e cultural que desempenhamos e que os apoios concedidos justificam e legitimam.

SUMÁRIO

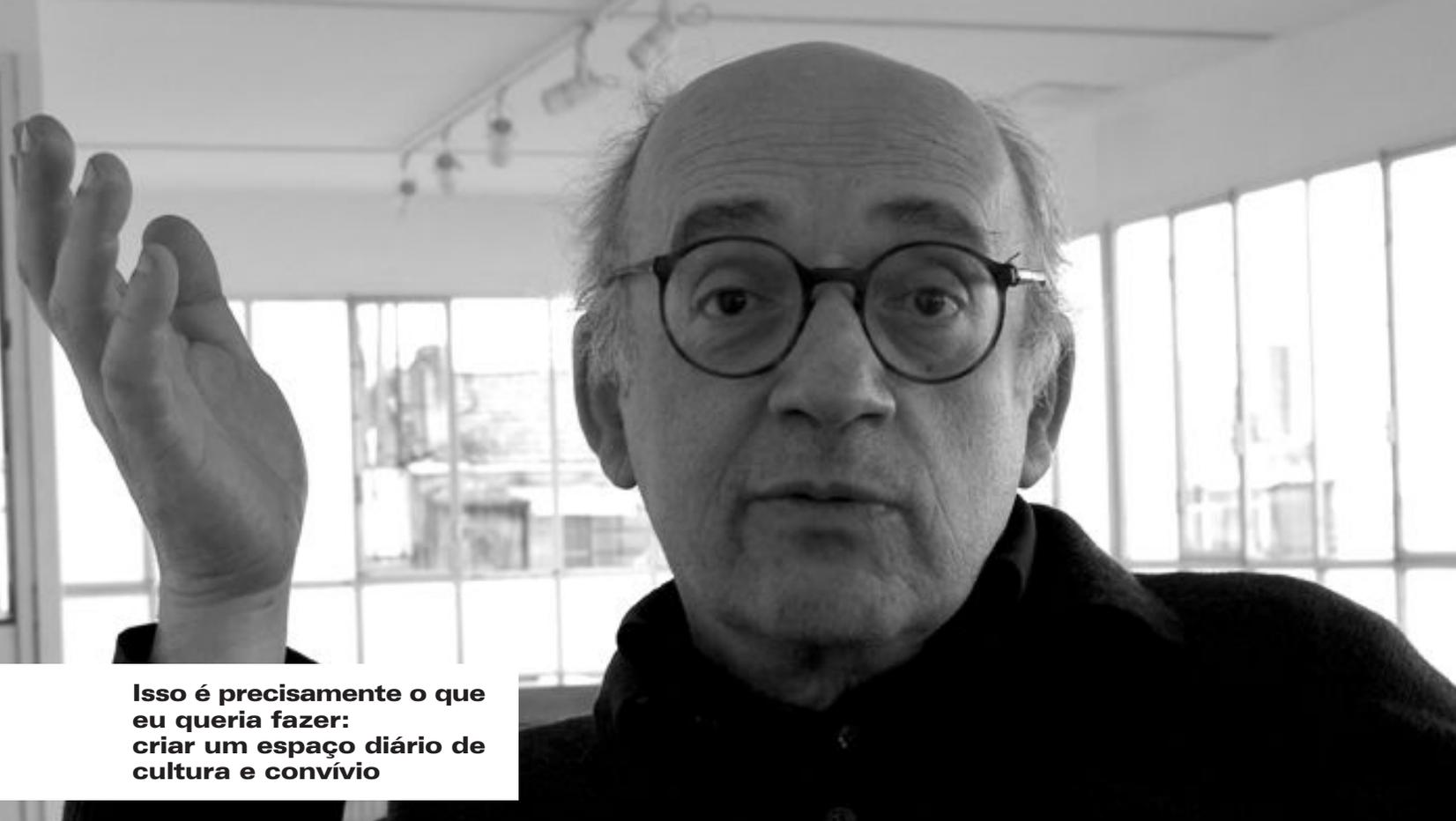
3,4,5,6 / bocas de cena / “Acidentes de Trabalho” entrevista com **Jorge Silva Melo** / *Carlos Mota* / **7 / patrimónios** / **Capelas Atalaias e outros topónimos que tais** / *Carlos Sobral* / **Ermidas e Atalaias: Atracção pelas alturas** / *Martins Quaresma* / **8,9 / descritas** / **Uma vida grande pequena** / *Paula Barroso* / **10,11 / teóricas e práticas** / **Catarina Eu Fêmea** / *Luís Cruz* / **12 / vemos** / *Luís Manuel Filipe* / **13 / ouvimos** / *Hugo Lopes* / **14 / lemos** / *Maria Afonso* / **15 / em cena** / *Filipe Sousa e Carlos Seixas* / **16,17 / quadradinhos** / **A Caixa** / *David Pádua e Edgar Raposo* / **18,19 / cenários** / **Alaska** / *Nuno Silva* / **20,21 / teóricas e práticas** / **O papel do produtor no processo de criação** / *Tiago Bartolomeu Costa* / **22,23 / a preto e branco** / *Julia Garcia* / **24,25 / teóricas e práticas** / **Quando das histórias nascem histórias** / *Dora Isabel Batalim* / **26,27 / photohistórias** / **Mondadeiras de arroz nas várzeas alagadas de Brescos** / *João Madeira* / **pag. cent. / aqui há gato** / **Programa da 6ª Mostra de Teatro de Santo André** /

Acidentes de Trabalho

Mantendo a tradição, a Cenas entrevistou mais um peso-pesado da encenação. Autor de peças, argumentos, traduções. Realizador, encenador e actor. Jorge Silva Melo é todas estas coisas, mais algumas. Fundou o Teatro da Cornucópia com Luís Miguel Cintra e posteriormente os Artistas Unidos, onde exerce funções de direcção artística. É neste ponto da carreira que o encontramos. Neste seu mais recente desafio, Jorge Silva Melo tem encontrado problemas diferentes dos que se apresentam a um escritor ou a outro criativo. Problemas como o mal entendido com a Câmara Municipal de Lisboa

(CML), que fechou o edifício conhecido como A Capital, casa dos Artistas Unidos, e recolheu temporariamente a companhia no Teatro Taborda. Tudo apontava para uma célere recuperação d'A Capital, que seria transformado num Centro de Artes, não tivesse Portugal o recente quadro político que todos conhecemos. As mudanças, confirma-se, levam tempo.

No trabalho há acidentes e há acidentes que dão trabalho, mas isso parece agradar a Jorge Silva Melo, para quem "Não vale a pena viver sem perigo".



Isso é precisamente o que eu queria fazer: criar um espaço diário de cultura e convívio

Como está a situação com a Câmara Municipal de Lisboa (CML)?

(com um sorriso) Ora bem ... Foi em 2002 que o espaço onde os Artistas Unidos trabalhavam foi encerrado pela CML. Na altura falou-se da necessidade de obras no edifício, nomeadamente no tecto, foram adiantados orçamentos e tudo indicava que o problema seria resolvido. Posteriormente a CML convidou o nosso grupo a mudar-se para o Teatro Taborda, na Costa do Castelo, enquanto o prédio no Bairro Alto não estivesse pronto. Aceitámos esse convite, que se estendia por duas temporadas, em 2003. Não nos interessa prolongar esse prazo, mas sim voltar ao espaço que ocupávamos, de resto como outras companhias que usufruíam dele. Essa foi a promessa que a CML nos fez e está a quebrar.

A CML argumenta que o projecto de remodelação d'A Capital ainda é um objectivo. Acredita?

Trata-se de tempo, espero eu, agora a nós foram-nos garantidos prazos que não estão a ser cumpridos. Da parte que toca aos Artistas Unidos, vamos cumprir o nosso prazo, e, chegando a Agosto, vamos deixar o Teatro Taborda. A Capital continua de portas emparedadas.

De que sente falta quando compara a mudança de espaço?

De vida. Sinto falta de toda a vida que nos rodeava no Bairro Alto. O sítio em que estávamos era óptimo por estar no centro da cidade e isso reflectia-se imenso na nossa forma de trabalhar, havia toda uma série de acidentes e surpresas diárias que enriqueciam o nosso trabalho. O facto do espaço ser usado por outras companhias, como a do João Fiadeiro (N.E. - coreógrafo e bailarino, João Fiadeiro dirige a REal), fazia com que, com a maior espontaneidade, surgissem opiniões e sugestões que tornavam a experiência de criar um acontecimento diário. Isso é precisamente o que eu queria fazer: criar um espaço diário de cultura e convívio. Um sítio onde, mais do que preparar peças numa lógica de grandes produções, sazonais, todos os dias se pudesse ver algo novo, talvez menos grandioso, mas fresco.

É fundamental para si essa ligação ao quotidiano?

É-me muito difícil pensar de outra forma, é no que o quotidiano me oferece que encontro uma importante parte do sentido do meu trabalho. Gosto de me sentir livre de aproveitar esse quotidiano e integrá-lo no trabalho, em vez de estar

constrangido por um plano pré-estabelecido. O teatro, principalmente, acho que vive muito do que é a experiência diária de trabalhar com uma variedade de pessoas e ofícios e do jogo que existe entre essas pessoas. Surgem problemas, para os quais se arranjam soluções que, por sua vez, criam novos problemas e por aí adiante, e daí se chega a um trabalho final onde, por vezes, os acidentes têm um peso interessante no processo criativo.

Sente-se então entediado aqui na Costa do Castelo?

De certa forma. Dou por mim a concordar com o João Soares que, quando era Presidente da CML, teve um projecto para construir um elevador desde a Baixa até aqui acima. Na altura insurgi-me contra a obra, mas agora admito que seria uma boa forma de aproximar esta parte da cidade ao centro, às ruas por onde as pessoas passam e vivem. O teatro só faz sentido misturado com a vida das pessoas. Não quero ser mal interpretado, acho esta zona encantadora, mas tem problemas logísticos como o estacionamento ou o acesso, ninguém que eu conheça passa por aqui, é preciso vir aqui. Isto é que faz com que a nossa lógica de trabalho seja completa-

mente diferente, produzir no Taborda dá um lado calculado às peças, não há espaço para caprichos, o que também não foi necessariamente mau, mas teve o seu tempo. Produzimos coisas nestes dois anos, aproveitámos as condições que nos foram oferecidas mas, insisto, interessa a esta companhia estar mais próxima do dia-a-dia dos que nos rodeiam.

Falou há pouco no João Fiadeiro, com quem calculo que partilhe o interesse pelos acidentes que impulsionam a criação.

Sim, é um facto, embora o João procure esse acidente ao passo que eu prefiro esperar que aconteça. Há um lado de dissecação do acidente que o torna orquestrado no trabalho do João. Isso está relacionado com o modo de ser das pessoas e particularmente de como trabalham umas com as outras. Quando falo em acidentes saudáveis no trabalho, refiro-me mais a sugestões ou imprevistos que surgem e podem resultar ou não, mas aos quais considero muito importante estar atento. Acredito na espontaneidade, ainda que nem sempre seja bela, que não tem de o ser, ela deve ser nutrida e não castrada por direcções rígidas. Até porque os acidentes são inevitáveis, não há duas representações iguais, nesse sentido o acidente é a regra permanente, mas não quero criar um dogma.

Está-se a definir como director?

Sim, gosto de ouvir o que os outros têm para dizer e não tanto impor-lhes uma visão minha. De duas pessoas sai algo melhor que de uma. Costumo citar o Renoir que falava de dois tipos de realizador, o General, que define regras e diz a todos o que têm de fazer para executar o plano, e a dona do bordel, que só faz os casamentos e fica com o dinheiro. Eu pertença a este último grupo. Nunca me importei de dividir os louros, sinto-me mais confortável assim.

Sente-se mais seguro sem o protagonismo?

Não passa tanto pela sensação de segurança a minha maneira de trabalhar com os outros. Na verdade podia ser um encenador tirano que não dá espaço ao mínimo devaneio de um actor e sentir-me ainda mais seguro, apoiar-me apenas nas certezas que tenho e impo-las ao espectáculo. Mas isso seria extremamente

Acredito na espontaneidade, ainda que nem sempre seja bela, que não tem de o ser, ela deve ser nutrida e não castrada por direcções rígidas.

chato. Sinto falta de uma certa dose de risco, já que o acidente, como dizia, é inevitável, vamos abraçá-lo. Gosto disso apenas porque torna a vida mais interessante, acho que não vale a pena viver sem perigo.

Isso é uma forma de responsabilizar os actores pelo seu contributo numa peça?

Houve um tempo em que os actores foram relegados às ordens de um chefe, mas isso mudou e ainda bem. Os actores não são só bonecos, trazem vida com eles, a cada ensaio isso é evidente, há sempre novos elementos porque quem representa traz esses elementos, pode ser de uma forma consciente, ou simplesmente porque não fez a barba nesse dia e de repente isso ganha importância em cena... Diz-me a experiência que é positivo deixar os actores sentirem essa responsabilidade, e o mesmo é válido para todos os intervenientes numa produção. Daí vem um envolvimento mais rico no trabalho. Isso acontece também no cinema mas principalmente no teatro.

Depois da realização de "António, Um Rapaz de Lisboa" tem-se dedicado quase só ao teatro. Há ainda espaço para o cinema na sua carreira?

Sim, há ainda espaço, mas não muito tempo (risos).

Como gere os seus diferentes ofícios?

É muito difícil gerir uma empresa e escrever ao mesmo tempo. A escrita, a realização, a encenação e a gestão dos Artistas Unidos, como se imagina, são coisas inconciliáveis, não consigo preparar um argumento ao mesmo tempo que enceno. Preciso, para escrever, de um horizonte. Um prazo ou um objectivo que me guie, tenho de sentir que o trabalho que estou a fazer tem esse horizonte. O teatro ocupa-me imenso tempo, agora, mas já sinto falta de fazer cinema.

Há um novo filme no horizonte?

Estou a preparar um projecto, que deve ser uma história de amor. Só consigo escrever e fazer filmes sobre coisas que me estejam próximas, porque o cinema é uma arte muito mais solitária que o teatro. Em ambos temos uma série de pessoas envolvidas no projecto, mas um filme é diferente de uma peça, passa por diferentes fases, como a escrita, a preparação, a rodagem, a montagem... Ao longo destas fases, posso ter uma relação mais próxima com este ou aquele, seja o produtor, o director de fotografia, o montador, mas, em última instância cabe-me a decisão de forma mais solitária que no teatro, que é a arte exemplar no que toca ao convívio de diferentes

Biografia

Jorge Silva Melo nasceu em 1948.

Estudos de cinema na London Film School (1969-1970).

Bolseiro da Fundação Gulbenkian, realiza estágios em Berlim (com Peter Stein) e Milão (com Giorgio Strehler).

Assistente de realização em filmes de João César Monteiro, Paulo Rocha, António Pedro Vasconcelos, Alberto Seixas Santos.

Crítico de teatro e cinema.

Actor e encenador teatral no "Teatro da Cornucópia", que funda e dirige entre 1973-1979 com Luís Miguel Cintra.

Actor em filmes como "A Ilha dos Amores" de Paulo Rocha, "Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço" e "Silvestre" de João César Monteiro, "Conversa Acabada" de João Botelho, Une "Fille en Eti" de Vitor Gonçalves, "Vertiges" de Christine Laurent e "Le Soulier de Satin" de Manoel de Oliveira.

Dirige, em 1980, "Passagem ou A Meio Caminho", adaptação livre da vida de George Büchner.

Professor da Escola de Cinema de Lisboa (1982 - 1987).

Fundador e director artístico dos Artistas Unidos (1995).

Autor das peças "Seis Rapazes Três Raparigas", "António, Um Rapaz de Lisboa", "O Fim Ou Tende Misericórdia de Nós", "Prometeu", "Num País Onde Não Querem Defender os Meus Direitos Eu Não Quero Viver", "Não Sei" (com Miguel Borges) e "O Navio dos Negros".

Realizador dos filmes "Passagem - Ou a Meio Caminho" (1980), "Ninguém Duas Vezes" (1985), "Agosto" (1988), "Coitado do Jorge" (1993), "António, Um Rapaz de Lisboa" (2000).

Tradutor de inúmeros autores tais como Luigi Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Heiner Müller.



profissões, porque todas as pessoas estão envolvidas desde o primeiro dia de ensaio e durante cada representação.

Como olha para o teatro feito fora das grandes cidades?

Com grande interesse. O teatro oriundo das pequenas cidades é, aliás, o mais interessante que tem surgido, refiro-me particularmente à escrita. Um dos trabalhos que estamos a desenvolver vem de Messina, na Sicília, e é um perfeito exemplo disso mesmo (N.E. - "A Festa", de Spiro Scimone). Grécia, Dinamarca, por todo o lado se vê isso, que não é das capitais que vêm os autores mais relevantes, o teatro nasce longe dos centros. Voltamos ao tema do convívio e da importância que isso tem nas nossas vidas. Muitas vezes, o teatro é uma maneira maravilhosa de preencher a falta que isso faz às pessoas, particularmente em pequenas localidades, onde faltam espaços e acontecimentos que fomentem esse convívio. Quando as coisas surgem de um querer interior, espontâneo, têm um grande valor, é uma das mais belas experiências da vida.

A maior oferta de entretenimento terá então que efeito?

O que se passa muitas vezes nas cidades é que a própria indústria sufoca o desenvolvimento do talento. Há muito mais necessidade de escritores ou criativos que escrevam guiões para a televisão, de tradutores, de jornalistas. Os mais vocacionados para a escrita têm muito por onde se dispersar. A indústria canibaliza os talentos da escrita.

Sente-se preso a Lisboa?

(olha para a vista da Costa do Castelo) Sim. Estou muito bem aqui. Estive fora do país e trabalhei algum tempo em cidades interessantes, mas é aqui que estou em casa, nem sei bem como explicar, é tão simples como a sensação de querer comprar o jornal ou tomar um café e saber instintivamente onde o vou fazer. Há no entanto aspectos difíceis na vida quotidiana de Lisboa, que também existem noutras cidades, como seja a falta dos tais espaços de convívio e cultura, que são fundamentais na atmosfera de uma cidade e no bem-estar das pessoas. Paris e Berlim são exemplos de capitais onde voltou a haver zonas de convívio, com grandes resultados.



Fotografias de Carlos Sobral

Capelas , atalaias e outros topónimos que tais

Por Carlos Manuel Sobral

As Pedras da Vigia, no aro de Milfontes ou em S. Torpes, já junto a Sines; a Atalaia do Viso, em Grândola; a Pedra da Atalaia às portas de Santiago do Cacém são, quer aquelas junto à costa atlântica quer estas apenas alguns quilómetros para o interior, vestígios ténues, marcas inscritas no nome dos sítios e lugares, a evocar o que resta das antigas vigias e atalaias, postos avançados de observação, com o objectivo de detectar movimentos estranhos de exércitos, pessoas ou embarcações, num tempo em que a defesa do território face a ofensivas e incursões militares, mas também a saques e rapinas, constituíam preocupação presente.

É que, se a estabilidade militar cedo delimitou o território, as incursões de corsários e piratas, alguns ao serviço de reis e estados, prolongou-se pelos séculos fora até aos anos de seiscentos. Que o diga a Ilha do Pessegueiro, onde a construção do forte e de um porto foi repetidamente impedida a mando de holandeses e ingleses.

Mais para o interior, terras e montes fixaram a si a designação de Misericórdias, como que querendo atestar ligação a essas velhas instituições que se foram criando e implantando por quase todos os concelhos, a partir de finais de Quatrocentos, e cuja consolidação e prosperidade foi, em boa medida, resultado da acumulação de heranças e legados, tantas vezes sob a forma de propriedades rústicas.

Do mesmo modo aconteceu com a Capela, em Santo André, monte debruçado sobre a confluência das ribeiras da Ponte e do Azinhal, outrora caudalosas e de margens fecundas, por cujo nome ressoa a

instituição de legados pios, justamente designados de capelas, por acção de crentes preocupados com a sua salvação eterna e que, por isso mesmo, entregavam fazendas e bens a determinada igreja ou instituição religiosa, para que se realizasse sufrágio de número determinado de missas anuais em memória e oração salvífica por suas almas.

São funções e intenções, preocupações e temores que passam, que continuam a passar hoje pela toponímia, mesmo que delas hoje apenas tenha ficado um nome, uma designação quase inócua, para designar um cerro, um monte ou um local.

Ermidas e atalaias: atracção pelas alturas

Por Martins Quaresma

Diz-se que uma das características da religião popular é a busca das alturas. Assim, muitos pequenos santuários erguem-se em sítios elevados, mesmo no topo de conspícuos cerros. Mais ainda: a intervisibilidade de muitos desses picos, onde se elevam as ermidas, deu origem a uma lenda, repetida em várias regiões, que atribui essa intervisibilidade ao facto de serem “irmãos” ou “irmãs” os santos da invocação dessas ermidas, e portanto desejarem estar em contacto mesmo que longínquo. Efectivamente, na região de Santiago e Odemira, uma série de ermidas têm essa característica. Nossa Senhora do Livramento, Santo Isidoro, S. Domingos (em S. Luís), Nossa Senhora das Neves (Cola), Nossa Senhora da Cola, Santa Catarina e Santo António da Cela, estas últimas duas, em sítios mais baixos, seriam, numa das versões, os sete irmãos. Repare-se, contudo, que, na tradição popular, nem sempre os irmãos/irmãs coincidem e há varian-

tes. Na região em causa, há outras ermidas com as mesmas características.

Por outro lado, algumas destas ermidas têm as suas lendas particulares: a imagem de S. Domingos foi arrastada monte a baixo por um cabrito que um pastor lhe amarrara à base, para cumprimento de uma promessa; desfeita a imagem, da sua cabeça foi talhada a imagem do franciscano e “veterinário” S. Luís, da igreja da aldeia homónima. Esta descida da montanha para a planície, esta transmutação de um santo popular num santo introduzido pela racionalidade da Igreja, é uma aparente metáfora da queda de um culto popular face à religião oficial, afinal facilitada porque o novo santo assumiu o papel do antigo.

Os arqueólogos e outros historiadores dão outra interpretação à lenda associada à intervisibilidade das ermidas. Tratar-se-ia de antigas atalaias que fariam parte de um sistema defensivo, e que a necessidade de comunicação entre elas, por sinais de luz, ou outros, exigia que se pudessem ver. Sistema defensivo quando e para quê? No período da reconquista cristã, por exemplo, para fazer frente ao avanço dos exércitos vindos do norte. Em Nossa Senhora das Neves, há um claro vestígio de uma cerca muçulmana, que indica a existência de um ponto fortificado. Alguns desses pontos fortificados poderiam contudo ser mais antigos, como o Cerro do Castelo, em S. Luís, talvez da Idade do Bronze ou do Ferro, neste caso concreto sem associação a qualquer ermida conhecida. As montanhas, os altos cerros de onde se pode vigiar os movimentos do inimigo ao longe, de onde se pode transmitir informação desses movimentos a outras atalaias, são também o encontro entre o céu e a terra, morada dos deuses e termo da ascensão humana.

UMA VIDA, GRANDE PEQUENA

Não foi assim há tanto tempo... Mas nesse outro tempo, o mundo era muito diferente, ainda muito grande e desconhecido. Os ponteiros do relógio marcavam horas arrastadas e em catadupa. Era difícil situar um tempo real.

Na verdade, o meu mundo era pouco mais do que a minha aldeia e a curiosidade saciava-se entre a minha casa e a escola, num percurso de paralelos de granito e de terra batida. Era um caminho cheio de oportunidades, ladeado de cravos emperdigados e canções convulsas. Para nós, miúdos, era a azáfama de imitarmos os adultos sem medo, ao mesmo tempo que concretizávamos as aventuras a preto e branco da televisão. A televisão gigante lá de casa, a cheirar a novo, a muito novo. Os índios e os cowboys, as lutas marciais do Kung Fu, a coragem e o ar duro do Sandokan, que tinha uma barba muito preta e farta como a do meu tio Manuel. A revelação de um mundo mágico e distante que podíamos apropriar no nosso quotidiano sem fim. Ao mesmo tempo, as vozes dos nossos pais mudavam. Cada dia era parte do futuro, porque nós ainda não tínhamos um passado. O mundo da nossa aldeia rodopiava num eixo de outras possibilidades, e nós aproveitávamos ao máximo, apesar do nosso vocabulário reduzido e de um conhecimento muito curto.

Agora que já tenho um passado, posso regressar em memória à minha aldeia.

A minha aldeia já não existe. Os meus familiares deixaram de ser grandes, protectores e confusos. Os meus amigos já não são os habitantes deslumbrados do meu quotidiano. Os avós da aldeia desapareceram, como o avô da Heidi. A natureza pacífica que rodeava a minha aldeia é agora incomodada pelo ruído e movimento dos carros.

A taverna do Sr. António é agora um café com televisão a cores e por cabo. Tem mesas e cadeiras de plástico com cromados dourados, grandes espelhos e azulejos cinzentos nas paredes, e ainda a bandeira de

Portugal pendurada, já com ar gasto e velho. O tecto está repleto de lâmpadas brancas fluorescentes.

– *Ó Fernando, queres que te mostre uma coisa espectacular que temos na nossa cozinha? O meu pai comprou uma lâmpada nova. É branca, muito estreita e comprida. Parece um tubo de vidro. Tem uma luz muito, muito forte. Quando se liga, parece que é dia na cozinha. O meu pai diz que a luz é muito forte, porque tem um pó lá dentro, mas eu não consigo ver nada. Parece pintada com tinta branca. E, ainda por cima, pisca antes de acender. Queres ver?*

Fomos à casa do João para partilhar-mos esse objecto estranho e curioso. Quando ele ligou o interruptor, a lâmpada piscou três vezes e depois cuspiu uma luz bizarra e muito intensa. Tão intensa, que fechei os olhos, com medo de queimá-los. Pouco a pouco, a curiosidade matou o medo e levantei as pálpebras devagar. Fiquei maravilhado com aquela claridade total, primeiro muito estática e densa, depois a envolver sorateiramente o meu corpo pequeno e a transportá-lo pelo espaço fora, muito longe da cozinha do João.

– *Parece que estamos dentro de uma nave espacial! - disse eu, desprendendo a respiração.*

O João sorriu e acenou a cabeça. Senti-me como o piloto Alan, dentro da *Águia 1*, a receber instruções da Base Lunar Alfa. Eu e o João, seguros e ansiosos com o desconhecido que nos aguardava, a claridade da nave a contrastar com a escuridão do universo em expansão, cheio de perigos e de mistério.

– *Agora vamos. O meu pai não gosta que eu ande a brincar com a lâmpada. Foi muito cara.*

Desligou a luz e a nave despenhou-se na cozinha do João.

– *Como é que se chama esta lâmpada? - Tem um nome difícil... fluorescente.*

O João era o meu inseparável colega de carteira. Encontrávamo-nos em frente ao portão da casa dele e fazíamos juntos o resto do caminho

para a escola. Um caminho longo que íamos preenchendo com seres imaginários e conversas acerca da realidade dos adultos, mais estranha para nós do que qualquer história aos quadrinhos. Por essa altura, ainda nenhum especialista tinha estabelecido a relação ideal entre o peso do menino e o peso da pasta, e nós lá íamos carregados de livros e de lanche; mudando constantemente a pasta de mão, colocando-a às costas ou abraçando-a, para distribuir o esforço pelo corpo. Mas, mesmo que tal equação existisse já, os especialistas dificilmente se teriam lembrado de acrescentar o peso da panela. Certo é que, de vez em quando, também carregávamos uma panela.

Lembro-me do dia em que a panela passou a fazer parte do caminho para a escola.

– *Meninos, tenbo uma boa notícia para vocês - informou a nossa professora. O sorriso e o brilho dos olhos provavam que a notícia era boa. - A partir de agora, não é preciso trazerem leite de casa para beberem no intervalo. O nosso governo decidiu que vai distribuir leite a todas as escolas e crianças do país. E não é leite simples, é leite com chocolate!*

Quando ouvimos esta notícia, o burburinho instalou-se na sala. Ficámos contentes e inquietos, mas a nossa professora compreendia e aceitava a nossa agitação. Afinal, se para ela era paz, pão, povo e liberdade, para nós, era paz, leite, chocolate e liberdade. Havia uma felicidade no ar.

– *Mas como não temos um recipiente para aquecer o leite, decidiu-se que cada um de vocês, à vez, terá de trazer uma panela de casa e depois leva-la de volta, para a vossa mãe a lavar. Todos têm que cumprir esta tarefa. Não se podem esquecer, caso contrário, não há leite no intervalo. Perceberam?*

A felicidade de saborear leite achocolatado quente foi assombrada pelo peso e diâmetro da panela. O trajecto para a escola começou a ser pautado pela nossa vez de carregar a panela. A nossa professora avisava-nos no

dia anterior, sempre com ar sério e autoritário, não fosse a nossa mania das brincadeiras afastar-nos dessa missão tão importante, útil e cívica. Para os alunos mais velhos e maiores, a tarefa não era muito difícil. Para os mais pequenos, como eu, era uma tarefa árdua e estafante, e não eram poucas as vezes que tínhamos pesadelos por causa da panela. A panela não nos dava liberdade de movimentos e dava azo a todo o tipo de comentários sarcásticos dos nossos colegas que, naquele dia, estavam livres. *Olha o paneleiro! Eh Evaristo, tens cá disto?! eram os mais comuns.* Claro que cada um de nós tinha depois a hipótese da vingança, e não deixávamos a coisa por menos. Mas, pouco depois, começámos a descobrir virtudes e poderes escondidos na panela. Tornara-se uma poderosa arma de ataque, quando algum miúdo fazia comentários menos apropriados. Arremessar a panela contra alguém, começou a ser prática corrente. Conseguir levar a panela até à escola sem nunca a pousar no chão, provava aos outros que não éramos lingrinhas, mas fortes.

A panela tornou-se numa prática tão corrente do nosso quotidiano escolar, que pouco tempo depois deixou de ter o protagonismo das primeiras semanas. Era um misto de chatice e alegria, como quase todas as outras coisas das nossas pequenas, grandes vidas. A panela simbolizava a partilha de todos, não ignorava ou esquecia ninguém, e isso é ainda mais verdade, porque todos adorávamos leite com chocolate. Não havia ninguém que recusasse. A minha professora gostava de distribuir o leite pelos copos de plástico, fazia-o com um certo ar maternal, quase como as nossas mães. Os intervalos tinham, de facto, mais sabor.

Não me lembro quando é que a panela desapareceu das nossas vidas. Lembro-me dos pacotes de leite que começaram a chegar, castanhos e com uma palhinha adjacente. Mas isso foi mais tarde. Já nem me lembro da euforia que essa novidade devia ter causado nas nossas vidas. Mas decerto, não foi tão grande como a da panela.

E, depois do adeus, o que faço aqui?





Catarina

Eu Fêmea

Baleizão escorre branca sobre as colinas secas, gretadas de memórias antigas. A tarde quente disfarça de silêncio uma inquietação constante. Aqui, alguém tombou sobre a terra, regando revolta e esperança no coração dos homens.

Um rosto de bronze olha agora, impávido e sereno, no centro do largo onde não acontece nada. Sombras que passam e se diluem no esquecimento, em redor de um círculo de relva gradeado com um rosto de mulher ao meio.

Vidas inteiras caladas, submersas, esmagadas entre a parede e a cal, entre o desejo e a realidade. E o silêncio alastra e calam-se as histórias do tempo em que se queria mudar o mundo.

Sombras e brilhos metálicos, motores rangendo no horizonte, enebriam um povo extasiado de fantasmas, de promessas, de desilusões, de culpa...

Um alambique de sonhos transformado numa fábrica de mentiras.

Uma feira pimba e decadente de doutores e camaradas. Capas negras enxarcadas de cerveja e desilusão, ao fim da noite, lamentando o bêco sem saída.

Um país parado, apático, desencantado, vendendo a crédito a sua espera, o seu tempo.

Onde está essa furia, aquela que Catarina olha de bronze em redor do largo e não encontra? Onde está essa força, essa vontade de mudar o mundo, torná-lo melhor?

Catarina de bronze está farta de estar morta.

Tem treze anos e corre.

Atira-se às grades do portão do cemitério de Baleizão e grita que a tirem dali, que a libertem para mudar o mundo, para semear de flores neste possível jardim. Ferir de vida a terra seca e abandonada.

Homens cantando lançam sementes

à terra, explode fogo no pó.

Bandeiras brancas de esperança erguem-se no horizonte.

O trigo escorre a jorros da terra gretada de sonhos e de festa. O povo corre deslumbrado com a sua capacidade de criar vida no terreiro vazio. Enfeitado de sonhos e desejos partilha a festa da felicidade, da vontade, da mudança...

Escrevem-se cartas de amor. Um marinheiro beija Catarina que cora. O cortejo prossegue.

O marinheiro poeta do mundo projecta uma paixão clandestina no imaginário colectivo, panfleto a panfleto. As bandeiras lavam-se no tanque.

Um bando de pássaros em delírio esvoaça do fundo escuro do poço. O povo canta.

A galope pelo asfalto dois cavalos trazem dois carrancudos agrários.

Páram autoritários do outro lado de uma vala profunda.

Instala-se o medo.



Dois soldados da GNR surgem do interior da terra como cães enfeitados. As Bandeiras!
Gritam enfurecidos os donos do mundo.
Cresceram na nossa terra! São Nossas! Catarina grita que não.
Que são do povo, que são nossas! Que são desta sementeira, desta paixão, desta partilha de sonhos! Retiram as bandeiras ao povo, que engole em seco uma raiva contida. Roubam-lhe assim a festa da transformação do mundo.
Catarina corre desenfreada para o monte, quer que o cortejo prossiga! As Bandeiras!
Eleva o seu grito metálico pela colina. Ameaçadoras sombras de violência projectam-se nas paredes do monte. As bandeiras surgem alinhadas pela colina a baixo. Imagens de guerra, repressão e pobreza projectam-se no horizonte.
Um tiro entoa no silêncio de pedra.

Catarina tomba sobre a foice da sua vontade, o seu grito metálico esvai-se num profundo suspiro.
O sangue alastra de fogo a campina.
O povo envolve o cadáver com as bandeiras dos sonhos.
Mataram a criança que as fez semear.
O sangue mancha-lhe a honra, a dignidade, a vontade de viver, de procriar, de fazer estalar uma volúpia de vontades sobre a pasmaceira do descampado.
Catarina é levada em cortejo silencioso pela aldeia.
Imagens de rostos cansados, sofridos, projectam-se sobre as paredes de cal.
Olhares antigos espantados com esta súbita morte dos sonhos.
O cortejo prossegue.
Todos tentam safar-se dali. Fugir.
Uma terra a arder de furia. Soldados estropiados em África. Fome e miséria, chão abandonado.
A imposição da normalidade, do esquema, da autoridade, da guerra.
Um povo a fugir da sua própria terra.
Um povo amedrontado, ignorante e humilhado carrega em silêncio o cadáver dos seus sonhos assassinados.
Das bandeiras ensanguentadas escorrem cravos vermelhos.
O cheiro das flores enebria os transeuntes.
Catarina ergue-se das bandeiras e atira cravos vermelhos sobre a multidão.
A festa alastra de novo.
Sorrisos e cravos vermelhos semeando revolução na brancura da cal.
Catarina lava-se em festa no tanque da aldeia.
As bandeiras tingem-se de vermelho.
O povo celebra a liberdade no meio do largo.
Um apito estridente soa no horizonte.
Um caleidoscópio de luxuosos paraísos varre as paredes caiadas. Rostos plásticos, de sorrisos estúpidos deslizam em redor, misturados numa miríade de coisas, plásticos, trapos, retratos da Lili Caneças e do Castelo Branco, e ídolos e heróis do nada, num corropio de lixo, num zumbido profundo e vazio.
E chega um carro de luxo. Mercedes. Preto. Vidros fumados.
E saiem dois homens engravatados, de óculos escuros.
Fazem contas, assinam papéis, tiram medidas, fazem planos.
Estão eufóricos.
Pegam nas bandeiras e levam-nas no carro.
Catarina corre a gritar pelas bandeiras, desaparecendo na multidão.
Silêncio total.
Catarina olha de bronze.
Onde está esse país encantado?

Memória descritiva do poema multimédia dedicado a Catarina Eufémia e produzido em Baleizão



vemos

>Luís Manuel Filipe

Uma viagem de autocarro em Londres é uma espécie de volta ao mundo mas ao contrário. Enquanto que no turismo somos nós que vamos visitar os diferentes países, no autocarro são os países que vêm ter connosco.

O MUNDO NUM AUTOCARRO ou O MERGULHO COSMOPOLITA

Tenho a sorte de ter família em Londres e, de há uns anos para cá, adquiri o hábito de lá passar as férias da Páscoa. Este ano, preparei tudo à última hora. Na mala, roupa adequada a passeios em exteriores normalmente mais frios e interiores de casas aquecidas a pedir uma t-shirt. A máquina fotográfica e o Compaq, para poder ver à noite as muitas fotos tiradas durante o dia. Uma lista de compras, entre as quais uns alforques para a minha viagem aos Pirineus de Bici.

Na ideia, encontrar um jardim que vira num filme que passara em Grândola. Mas, mais que tudo, ia poder dar um mergulho visual no cosmopolitismo da grande Londres. Ia poder passar duas semanas a olhar para pessoas bastante diferentes das do meu dia-a-dia entre Grândola, Santo André e Lisboa.

Passear na zona dos mercados de Camden, próximo da casa onde costume ficar, é dar uma volta ao mundo numa só rua. Esperar na bicha do supermercado permite a observação mais calma da diversidade cultural nas fisionomias dos caixas, bastante cordiais.

Mas, sem dúvida que o melhor local para utilizar como laboratório das minhas observações é o autocarro. Cada viagem, não só me permite observar a arquitectura dos prédios das ruas do seu trajecto, como também me permite um maior tempo de observação de pormenores das diferentes pessoas que entram e saem constantemente. Como tenho o hábito de me sentar próximo da porta, posso assistir aos rituais de entrada: Mostrar o passe, adquirir um bilhete, solicitar uma informação.

São condutores que vieram de locais bem longínquos como a Índia, o Mali ou a Jamaica e não perderam os sotaques. São passageiros, que se apresentam com roupas que só na televisão estou habituado a ver, mas em locais bem mais pobres.

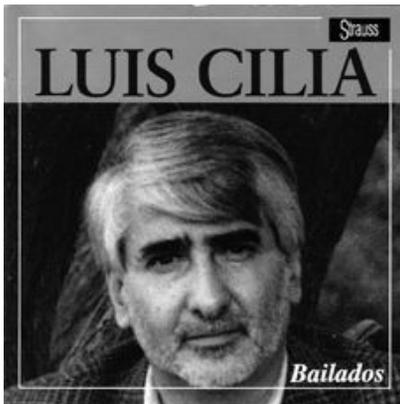
As minhas observações nunca obedeceram a critérios de análise científicos, ficando-se pela mera curiosidade do momento. No entanto, tal como Kepler fez com as inúmeras medições que lhe ficaram de herança, de tanto olhar, comecei a organizar um pouco as minhas observações e cheguei a uma hipótese cultural: as mulheres são mais perpetuadoras da cultura sob o ponto de vista do vestuário. Com excepções para um grupo de Judeus com patilhas em longos caracóis sob chapéus pretos e alguns árabes de barretes de renda e vestes longas, a maioria dos homens que vi usava roupas segundo modelos ocidentais. Mas as mulheres, essas, deslumbravam-me com as suas roupas compridas e cabeças cobertas com diversas formas de panejamentos.

Outra hipótese é a de que existem tantas formas de cobrir a cabeça como regiões islâmicas. Há umas que emolduram o rosto em panos escuros ou coloridos, outras que permitem ver o pescoço ou as orelhas. Umhas que me pareceram simples de aplicar e outras de uma complexidade tal que tive de gastar toda uma viagem a tentar perceber, não o tendo conseguido. Numa observação mais pormenorizada, reparei no logo CK que sobressaía de um monocromatismo negro, deixando-me na dúvida, seria que o Calvin-Klein tinha alargado o seu mercado

ou as dimensões dos seus lenços aproximavam-se das dos *chadors* daquelas mulheres.

Um dia, vinha eu sentado num lugar próximo da escada que liga ao piso superior, procurando com o olhar coisas novas para admirar, quando me apercebi que alguém descera e se colocara mesmo à minha frente. Olhei e vi uma rapariga negra que me falou em português: “Não se lembra de mim?”. Fiquei embaraçado, como fico quando não sei a resposta, mas ela continuou: “Fui do seu Liceu”. Levantei-me de imediato, beijei-a alegremente e à mãe, lancei-lhe algumas perguntas a que me respondeu no pouco tempo que levou até o autocarro parar e elas saírem. Acenei, como costume fazer desde pequenino, até as perder de vista, e continuei a viagem meditando e esquecendo as observações. Não fora só a alegria que aquele encontro nos proporcionara, mas também toda aquela situação quase impossível. Aquele autocarro tinha uma lotação de cerca de oitenta pessoas, Londres tem, com os seus arredores, uma população maior que Portugal, não me encontrava num local de visita turística obrigatória, mas numa carreira normal, e mesmo assim fui encontrar a Tatiana Gomes, que tinha acompanhado a emigração dos pais. Não deixei de pensar nisso o resto das férias e, no fim, foi esse encontro que elegi para acrescentar à minha colecção de memórias.

Não conseguira encontrar o tal jardim do filme nem mesmo ter comprado os alforques necessários, mas vim mais cidadão do mundo.



**Luis Cilia, “Bailados”
CD, 1994, Strauss**

<http://agcolos.drealentejo.pt>
<http://www.alternativa2000.org/luis/cilia.html>

Companhia Paulo Ribeiro
<http://www.pauloribeiro.com>

Nederlands Dans Theater
<http://www.ndt.nl>

ISTOANDATUDOLIGADO?

Embalado pela Calçada de Carriche

Aqui há uns anos atrás, talvez em 1995, num qualquer dia que já não consigo precisar, o meu irmão Paulo passou pela empresa onde eu trabalhava para me dar boleia até casa e me deixar alguma guloseima trazida de casa dos meus Pais, após um fim-de-semana em Santo André.

Partilhava eu na altura um apartamento com o Gonçalo Amorim ali para os lados da Calçada de Carriche. Era um sétimo andar pequeno, mas soalheiro, com uma vista maravilhosa para uma herdade que, segundo se dizia, pertencia a uns Frades Franciscanos e me parece agora convertida em campo de Golfe.

Lembro-me que nesse dia tinha terminado um projecto e estava exausto. Desci do quarto andar, onde ficava o meu escritório, e entrei no Honda Civic, comprado em segunda-mão e orgulho do meu irmão.

Seguíamos a caminho da calçada de carriche, discutindo trivialidades, quando começámos a ouvir na rádio uma música tecida sobre uma canção de embalar, cantada por uma voz doce e genuína. Daquelas coisas de ficar com pele de galinha:

“Cala-te menino, cala, cala-te menino, cala...”

“Que a senhora logo vem, que a senhora logo que vem...”

E numa questão de segundos, como se todos os dias de trabalho intenso das últimas semanas se abatessem no mesmo instante sobre mim, as minhas pálpebras fecharam-se. Como numa contagem crescente frente a um pêndulo: - “quando chegar a 10 os seus olhos estarão fechados e adormecerá”.

E adormeci.

Acordo com um toque no ombro, já estacionado ao pé de casa, incommo-
dado por ter deixado o meu irmão naquele papel de “chauffeur” e por não ter prestado mais atenção àquela música maravilhosa. Felizmente ainda vou a tempo de memorizar o nome do autor que acabara de ouvir: Luis Cilia.

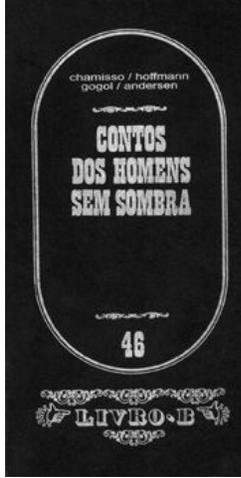
Nos dias seguintes partilhei esta história com alguns amigos mais próximos e cúmplices nesta questão dos gostos musicais. O Jota fez o favor de apontar o nome e oferecer-me o CD “Bailados” do Luis Cilia no meu aniversário seguinte.

E lá está a faixa hipnótica, composta pelo Luis Cilia para um bailado do Paulo Ribeiro e encomendada pela Nederlands Dans Theater: “Encantados de Servi-lo (II)”. A canção de embalar foi recolhida pelo José Alberto Sardinha na Covilhã.

Passam-se semanas, ou talvez meses, até que levo o disco num desses fins-de-semana de visita a Santo André. Ponho-o a tocar na aparelhagem da sala dos meus pais e, ao chegar à faixa 5, diz a Avó Gracinda, com aquela sua voz doce e genuína, lá do fundo do sofá da sala: - Ai que bonito... eu cantava-te esta música para te adormecer quando eras pequenino...

Acredito Avó Gracinda, acredito.

E não consigo deixar de sorrir.



Contos dos homens sem sombra

Contos dos homens sem sombra é uma espécie de projecto de coabitação para quatro autores: Chamisso, Hoffman, Gogol e Andersen. As suas biografias mostram inúmeros pontos de contacto. Viajantes compulsivos, movidos quer pela necessidade de compreender as diferenças culturais quer pela dificuldade de se fixarem num qualquer lugar, reflectem nas suas vidas e nas suas obras o drama do homem do séc. XIX. O drama da emergência do indivíduo e da sua definição face à multidão; face a qualquer sistema unificador.

Em primeiro lugar, a escolha dos contos reunidos no livro justifica-se pela coincidência da temática, que tem como centro as lendas, muito populares na Europa do Norte, do homem sem sombra. No entanto, o ponto de confluência destas narrativas não é, em rigor, a perda da sombra, mas simplesmente a perda. Nem todos os protagonistas são homens sem sombra, mas todos eles são *homens sem*. Homens incompletos. Cada um deles destituído, a certa altura da sua vida, de forma transitória ou definitiva, de uma parte, inesperadamente importante, do seu ser. Pedro Schlemihl cede, sem ter plena consciência do seu acto, a sua sombra ao diabo em troca da riqueza inesgotável proporcionada pela bolsa de Fortunatus. Erasmo Spikher, alienado pela paixão, concorda em confiar o seu reflexo à amante. A amante é um instrumento do diabo. O ilustre assessor do colégio Kovalev acorda um dia sem nariz. Assim, sem mais. Inexplicavelmente. Um sábio dos países frios, em viagem pelos países quentes, instiga a sua sombra a explorar uma misteriosa casa vizinha, a fim de satisfazer a sua curiosidade. O sábio manifestara apenas um desejo, porventura inconcretizável. Mas o inverosímil acontece. A sombra, animada de vontade própria, invade a casa vizinha, demora-se por lá e não mais regressa. Pouco importa se as circunstâncias

foram ardilosamente tecidas pelo diabo, se resultaram de poderosos sortilégios ou apenas de um estranho acaso. Todos eles foram desapropriados de alguma coisa. De nada há-de servir a riqueza, o afecto dos mais próximos, a sabedoria ou o estatuto que anteriormente ostentavam. A falta instalou-se e tornou-se significativa. Os outros distinguem-nos como *homens sem*. Eles reconhecem-se. Essa falta une-os, torna-os membros de uma mesma irmandade.

“Neste Carnaval da vida humana, o espírito penetra muitas vezes com um olhar subtil através da máscara do rosto e reconhece espíritos cuja natureza é conforme à sua. Foi assim que nós os três, todos diferentes, casualmente reunidos naquela taverna escura, reconhecemos certas afinidades que reciprocamente nos uniam.”

As aventuras da noite de São Silvestre, E.T.A. Hoffman

As suas histórias cruzam-se. Quando descobre o desaparecimento da sombra, o sábio de Andersen evoca, apreensivo, o caso de Pedro Schlemihl, a personagem de Chamisso. No conto de Hoffman, Pedro Schlemihl e Erasmo Spikher encontram-se e decidem, sem êxito, suprir as suas respectivas faltas, completar-se mutuamente. Pedro Schlemihl empresta o seu reflexo a Erasmo Spikher e, em troca, este empresta-lhe a sua sombra. Os dois unem os seus destinos durante algum tempo, até perceberem que as suas faltas são abismos indifereçáveis. Nenhum deles pode adiar o inevitável: estão condenados a viver como indivíduos. O momento da perda marcou uma viragem fundamental nos seus trajectos pessoais. Distinguiu-os da multidão e afastou-os dela. Expulsou-os da normalidade e da estabilidade. De ora em diante, a vida humana, socialmente padronizada, deixará

de ser uma possibilidade para eles. Transformaram-se em homens réprobos, enfeitados e desajustados. Sujeitos à troça das crianças, ao desprezo, à compaixão e ao receio dos *homens com*, dos homens comuns, não poderão formar família, ter um lar ou conquistar uma posição social.

Impedido de ficar, sem lugar para permanecer, a vida de um *homem sem* é, sobretudo, um caminho solitário. Mas repleto de aventuras fantásticas. Não pode ter uma vida comum; terá uma vida extraordinária. O seu défice de realidade fez balançar os limites do possível.

Gogol insere o absurdo na aparente normalidade da existência e corrompe, com admirável mestria, o impoluto quotidiano do assessor do colégio Kovalev, com potencial título de major. Mas Andersen é o que leva mais longe a questão da relação do *homem sem* com a sua realidade. Um dia, o sábio, a quem entretanto crescera uma pequena sombra, recebe a surpreendente visita da sua sombra original. Esta vem disposta a desafiar o velho preconceito metafísico de que o homem é alguma coisa, tem uma essência. A sombra quer assumir o papel de homem e remeter o sábio para o papel de sombra. A disputa adivinha-se. Só um deles poderá ser o dono da individualidade. Mas, sem o outro, algum deles será real?

“E tu, se desejares viver entre os homens, aprende, antes de mais nada, a respeitar a sombra. Se desejares viver só para ti e para a satisfação do melhor que em ti há... não precisas de conselhos!”

A maravilhosa história de Pedro Schlemihl. A. V. Chamisso

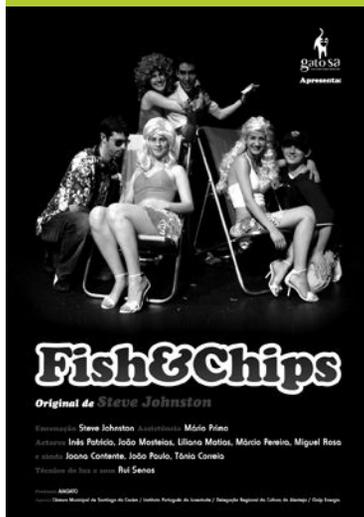
Andersen, Chamisso, Hoffmann e Gogol são legítimos representantes da época dos homens sem sombra; ou dos homens sem sombra de todas as épocas.



Este encarte destina-se a divulgar algumas iniciativas específicas do GATO SA, da Teatroteca e da AJAGATO de cuja dinâmica integrada a revista cena's é um dos reflexos mais visíveis. Estas páginas pretendem também constituir um reforço dos laços que ligam os associados e todos os amigos do GATO. Uma forma de contacto diferido, também possível através do novo site www.gatosa.com

Maio é o mês do Teatro!

**GATO SA
estreia
2 espectáculos.**



Produção:
AJAGATO
Associação Cultural Amigos do GATO
Rua da Mouraria, 110, 1º andar
1100-014 Lisboa
T: 2181 76 100
Tlx: 14100954
www.gatosa.com

VI Mostra de Teatro
d. Santo André
12-21 Maio
Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro
*Workshops, Performances,
Exposições, Conferências*
Escola Secundária Padre António Macedo
Espectáculos

- 12 GATO SA "Fish & Chips" (estrea)
- 13 GATO SA "A Vidraça" (estrea)
- 14 O BANDO "O Alma Grande"
- 15 TEATRO DO MAR "Ladrões do Tempo" (espect. Multimédia)
- 16 T. TRINDADE "Problema, qual problema?" (2 espect. Juventude) *
- 16 TURAK CREAÇÃO "Pequena Fábrica de Pinguins" (Manutenção)
- 17 TÁ SAFO / ARTISTAS UNIDOS "Se o mundo não fosse assim"
- 18 TEATRO DO MAR "Era uma vez um dragão" (2 espect. Infância) *
- 18 PROJECTO AD HOC "Deister" (Amadores)
- 19 O NARIZ "Vimos todos do outro lado"
- 20 ESTE "Mãe Preta"
- 21 TEATRO AO LARGO "D Quixote" (estrea)

Todos os espectáculos têm início às 21,30h excepto os associados com * que terão sessões às 11 e às 15 h.

**VI Mostra de Teatro
12 espectáculos
9 companhias diferentes**

Quinta / **12** / 21.30h



GATO SA
"Fish & Chips" (Estreia)
Texto e encenação de Steve Johnston

Auditório ESPAM

Duas jovens portuguesas de 19 anos passam férias em Albufeira. O seu propósito consiste em "engatar" dois namorados de Verão. No entanto, os jovens algarvios só estão interessados nas turistas estrangeiras... Desta maneira as meninas decidem fazer-se passar por inglesas. Ao mesmo tempo, dois rapazes, com o mesmo propósito de férias, constatarem que as portuguesas têm muito má impressão dos ingleses após os descalços do Euro 2004... Os jovens decidem então fazer-se passar por portugueses... A acção decorre a partir desta trama de enganos. No final logo se vê o que acontece... Uma comédia de situação num contexto actual e divertido.

Sexta / **13** / 18.00h e 21.30h



GATO SA
"A Vidraça" (Estreia)
Texto de Jaime Salazar Sampaio / Encenação de Mário Primo

Auditório do CAPAG (2 sessões)

Sérgio, um funcionário público da velha administração portuguesa, reformado antecipadamente por incompatibilidades várias, vive há anos fechado em casa isolado do mundo por uma estranha vidraça. Dois inspectores invadem o seu espaço íntimo e sondam-lhe a memória em busca das motivações profundas para este comportamento insólito. Jaime Salazar Sampaio confronta-se e confronta-nos com este personagem perturbador, refém da sua própria consciência, ou da consciência de si próprio... incapaz de lutar contra a adversidade de um destino que ele mesmo vai forjando e de controlar os fantasmas que lhe ensombram a existência.

Sábado / **14** / 21.30h



O BANDO
"O Alma Grande"
Texto de Miguel Torga / Encenação de João Brites

Espaço exterior do CAPAG

Alma Grande surge a partir de uma lenda... Dizem, que no tempo dos Cristãos Novos, havia uma figura conhecida por acabar com o sofrimento alheio... era o Abafador! "Ó tio Alma Grande", chamam... "Lá vai!" e segue viagem. Quando chega ao destino, olha para o relógio. Chegou a hora de abreviar um fim anunciado. Entretanto, Isaac, gravemente doente na cama, trava uma luta difícil. Duas mulheres cruzam-se com ele, com o intuito de o salvar ou aliviar: Lia, Como a Luz do Dia vs Raquel da Sombra da Noite. É uma história de amor, ódio e vingança... sobre a vida, a esperança e o inevitável...

Domingo / **15** / 21.30h



TEATRO DO MAR
"Ladrões do Tempo" (Espectáculo Multimédia)
Encenação de Julieta Aurora a partir de MOMO de Michael Ende

Espaço exterior do CAPAG

Cada vez mais pessoas têm cada vez menos tempo, embora o tentem poupar continuamente e por todos os meios. Mas é exactamente esse tempo, que é supostamente poupado, que os homens perdem. E é literalmente roubado às pessoas por um bando de ladrões de tempo... Momo leva aos homens a disponibilidade para sonhar e a magia que reinventa as coisas. O acordar dos sonhos e a reinvenção da vida desperta a cobiça dos Homens Cinzentos, que conhecem o "valor do tempo" e o sugam como uma sanguessuga...

Segunda / **16** / 11.00 e 15.00h



TEATRO DA TRINDADE
"Problema, qual problema?" (Espectáculo para a infância)
Texto de Margarida Fonseca Santos / Encenação de Carlos António

Auditório ESPAM

Mas o que é aquilo? Parece um problema! E é mesmo um problema!!! E melhor que um, só mesmo três: A Gertrudes, que só percebe de formas geométricas, a Anabiribana, que nunca sabe bem se sabe, e o Cálculo Mental, que acha que percebe tudo. Mas desta vez eles vão descobrir que a matemática é muito mais divertida quando é feita em conjunto. Afinal, problema, qual problema?

Segunda / **16** / 21.30h



TURAK CREACION
"Pequena Fábrica de Pinguins" (Marionetas)
Autoria e encenação de Michel Laubu

Auditório ESPAM

Michel Laubu interroga-se com este espectáculo sobre o alastramento do sentimento pinguim. Uma chocadeira imaginária é reconstituída para este fim, um laboratório clandestino é inventado para encontrar o elo que falta entre o ovo e o homem desajeitado. Assim, em turakiano (a língua imaginária falada pelos turakianos), com tradução para o português, é apresentado o espectáculo. Estamos num laboratório clandestino onde dois irmãos gémeos acompanham o desenvolvimento dos ovos pinguim. Três seres pequeninos guardam e protegem estes ovos até a hora da sua eclosão, o nascimento do pinguim ideal.

Terça / **17** / 21.30h



TÁ SAFO / ARTISTAS UNIDOS "Se o mundo não fosse assim"

Auditório ESPAM

Texto de José M. Vieira Mendes / Encenação de M. Borges e A. Silva

Um dia, Sua Majestade a Rainha, corista, assim chamada por só se deixar acompanhar por tipos ricos, é empurrada escadas abaixo ficando com as pernas paralisadas. Little Pinks, empregado de mesa e grande admirador da Rainha, passa a tomar conta dela. No Inverno, em Nova Iorque, no final de 1932, estão os dois na miséria. Ela trata-o mal por ele não ter tusto e exige uma viagem até Miami onde o tempo é mais quente e há homens ricos para casar. Little Pinks satisfaz o capricho, empurrando a cadeira de rodas de Nova Iorque até Miami. 1300 milhas. A mesma viagem que Rusty, Johnny Brannigan e Jackie O'Heart, irão fazer, mas de comboio, depois de contratados por um traficante de cerveja para eliminar a concorrência de outro traficante de cerveja.

Quarta / **18** / 11.00h e 15.00h



TEATRO DO MAR "Era uma vez um dragão" (Espectáculo para a infância)

Auditório ESPAM

Texto de António Manuel Couto / Encenação de Julieta Aurora

Três amigos decidem ir dar um passeio pelo campo: Catrapiz, o mentiroso, Catrapaz, o fanfarrão e Catrapuz, o sensato. No meio de muitos relatos de histórias de aventuras, um deles, o mentiroso Catrapiz, afirma ter visto um dragão enorme nas redondezas, assustando os seus amigos com essa revelação. Catrapaz, o fanfarrão, muito embora atemorizado, gabar-se da sua força e valentia e afirma ser capaz de vencer o terrível monstro. Percebendo as mentiras e gabarolices dos amigos, Catrapuz decide pregar-lhes uma grande partida...

Quarta / **18** / 21.30h



PROJECTO AD HOC "Twister"

Auditório ESPAM

Texto e concepção de Jorge Fraga

Era uma vez uma história de um (dois) homens que teimavam lutar contra a corrente do aquário. Lá fora os dias e as noites eram de tumulto. Viviam-se tempos de inquietação numa tranquilidade suspeita. A única e quase única certeza era a memória futura, aí os Homens encontram-se e...

Quinta / **19** / 21.30h



O NARIZ "Viemos todos do outro lado"

Auditório ESPAM

De Luís Mourão / Encenação de Pedro Oliveira

"Dois irmãos – imigrantes – chegam ao país de acolhimento, deparando-se com dificuldades comuns a todo aquele que decide partir à procura de trabalho. Da observação atenta dos comportamentos dos que chegam, nasce este espectáculo onde se fala de máfias, empregos, casamentos, saudades e esperanças."
Luís Mourão

Sexta / **20** / 21.30h



ESTE - Estação Teatral da Beira Interior "Mãe Preta"

Auditório ESPAM

Texto e encenação de Nuno Pino Custódio

"Mãe Preta" é tão-só a história de uma mãe que, na precariedade e preciosidade da vida, procura arranjar alimento para o seu filho. Um espectáculo criado a partir de uma história verídica contada oralmente por Ney Tavares num café da cidade do Mindelo em Cabo Verde. Esta é no fundo a própria história de um espectáculo de teatro onde actores e espectadores colaboram na criação de um encontro único, irrepetível e mágico. Um trabalho elaborado a partir de princípios que pretendem devolver ao teatro a sua linguagem pura e específica - Texto, gesto, máscara, luz, acção, música e... uma história para continuar!

Sábado / **21** / 21.30h



TEATRO AO LARGO "A Vida do Grande D. Quixote" (Estreia)

Auditório de ar livre da ESPAM

Texto de António José da Silva / Encenação de Steve Johnston

"A Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança", escrito em 1733 por António José da Silva, conhecido por O Judeu, é um clássico do teatro português. Misturando a sátira, o burlesco, canções de ópera cómicas, e vôos de fantasia surrealista, é uma dramatização espirituosa da famosa história de Cervantes acerca do delusório velho cavaleiro e o seu ignóbil escudeiro, enquanto erravam pelas terras de Espanha à procura de proezas cavaleirosas para desempenhar. Como diz o nosso herói: 'Vou a castigar insolentes, a endireitar tortos'.

actividades complementares

/ **12 a 21** /
CAPAG

EXPOSIÇÕES

“Um olhar para a memória” e “As paredes da Liberdade”

Sábado / **14** / 10.00h / 16.00h
auditório CAPAG

WORKSHOP “CORPO / VOZ”

Margarida Mestre

Sábado / **14** / 23.00h
ESPAM

LANÇAMENTO DA REVISTA CENA’s

CONFERÊNCIA

João Brites

Domingo / **15** / 23.00h
auditório CAPAG

ESPÉCTACULO TEATRAL

“Nortada”

Segunda / **16** / 18.00h
auditório CAPAG

O TEATRO DE PETER BROOK

Videograma didáctico I - “De l’espace vide au théâtre sacre”

Terça / **17** / 18.00h
auditório CAPAG

O TEATRO DE PETER BROOK

Videograma didáctico II - “L’acteur, son corps, sa sensibilité”

Quarta / **18** / 18.00h
auditório CAPAG

O TEATRO DE PETER BROOK

Videograma didáctico III - “L’acteur, le texte, la forme”

Quinta / **19** / 18.00h
auditório CAPAG

PERFORMANCE TEATRAL

“A futilidade dos dias ou a ilusão do sétimo”

Sexta / **20** / 18.00h
auditório CAPAG

APRESENTAÇÃO DO FILME

“A chuva, o amor e a infância” de Luís Cruz

Sábado / **21** / 10.00h / 16.00h
auditório CAPAG

WORKSHOP “O LUGAR DO CORPO DO ACTOR EM CENA”

Jean Paul Bucchieri



3.º Festival Islâmico de Mértola

Ocorre pela terceira edição, entre os dias 19 e 22 de Maio, o Festival Islâmico de Mértola. Realizado de dois em dois anos, este evento procura estabelecer pontes culturais entre a margem cristã e a margem islâmica do Mediterrâneo. Os visitantes são ocidentais, o que se mostra vem do Mundo islâmico. Note-se que o Festival organiza-se numa localidade cujos testemunhos arqueológicos nos vêm mostrando que não houve uma ruptura entre civilizações (a Romana, a Visigoda, a Muçulmana e a Cristã), mas sim uma continuidade, de modo a se vislumbrar, sim, uma Civilização Mediterrânica.

O mais islâmico, à partida, é o souk montado nas ruas da Antiga Mértola, isto é, um mercado de rua semelhante àquilo que se encontra em Marrocos, aliás, parece estarmos em Chefchaouen... Nas horas devidas houve-se o Muezzin a fazer o chamamento para as orações, numa melopeia encantadora, sobretudo se for ao final da tarde. Por vezes uns músicos marroquinos e outros alentejanos cantam pelas ruas, cada grupo ao seu estilo. Serve-se chá de menta e bolinhos, fuma-se o nargilé, compram-se djelabas (túnicas), babouchas (chinelas), djambés (tambores), etc.

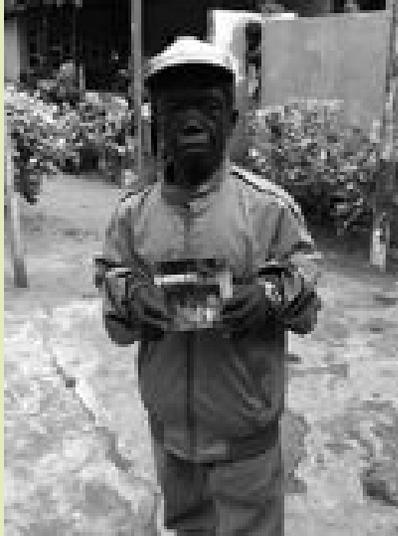
Vêm-se exposições sobre temáticas orientais, de Arte ou fotografia, testemunhos de quem viajou e se encantou com o Mundo Islâmico. À noite apresentam-se espectáculos junto ao rio, de música árabe, andalusa ou portuguesa. Numa casa com uma pátio, junto à Câmara Municipal, organiza-se um bar com música islâmica, espaço este que lembra os caravanserai turcos.

Organizam-se também eventos mais culturais: colóquios, lançamento de revistas, mesas-redondas, sempre sobre as temáticas islâmica e mediterrânica.

Num dos fins de tarde (este ano será na sexta, dia 20), faz-se a chamada «Noite de Dikra», um evento religioso que termina com um jantar marroquino, para o qual são convidados os presentes. Mulheres para um lado, homens para outro e cuz-cuz para todos!

O Festival Islâmico de Mértola é um acontecimento a não perder. Apela ao fascínio pelo Mundo Islâmico, invoca a admiração pela História do Mediterrâneo, ocorre numa das mais belas terras de Portugal e dignifica o nosso Alentejo!

Filipe Sousa (fixe-fine.blogspot.com)



A música com espírito de aventura regressa ao Alentejo Litoral

Em Julho, Sines volta a ser palco do Festival Músicas do Mundo, o maior evento do género em Portugal e um caso raro de convivência entre qualidade e popularidade.

A melhor música que se faz no mundo regressa a Sines em Julho. Com iniciativas ao longo de todo o mês e o corpo de concertos concentrado nos dias 28, 29 e 30 de Julho de 2005, a sétima edição do Festival Músicas do Mundo terá o programa mais extenso de sempre, com os projectos KTU (com o finlandês Kimmo Pohjonen e os americanos Pat Mastelotto/Trey Gunn dos King Crimson), Konono n.º 1 do Congo Kinshasa e Ljiljana Buttler & Mostar Sevdah Reunion da Bósnia-Herzgovina já confirmados.

As iniciativas do festival - concertos, exposições, ciclo de cinema documental, conversas com os artistas - serão distribuídas pelos espaços do Castelo, Avenida da Praia, Capela da Misericórdia, e este ano, pela primeira vez, no auditório do Centro de Artes.

Juntando a alegria de um público diversificado a um cuidado especial na programação e no acolhimento de todos os que visitam a cidade, de edição para edição o FMM tem-se tornado num caso único na formação de novos públicos e na divulgação da cultura dos povos de todo o mundo.

O FMM é, a nível artístico, de produção e de público, o maior e o mais prestigiado festival português do género. A seguir aos mega-festivais de rock, é o evento musical do Verão português com maior visibilidade nos media.

A Câmara Municipal de Sines (www.mun-sines.pt) organiza o Fes-

tival Músicas do Mundo desde 1999. Proporcionar um acontecimento cultural de qualidade aos seus munícipes e visitantes e dignificar o castelo medieval e a cidade foram, desde o início, os grandes objectivos da organização. Aberto à world music, à música tradicional e ao folk, o Festival Músicas do Mundo estende as suas fronteiras estilísticas ao jazz, aos blues e aos novos encontros da tradição com a modernidade. Abed Azrié, Shemekia Copeland, Omar Sosa, Taraf de Haïdouks, Blach Uhuru feat. Sly & Robbie, Hedningarna, Kronos Quartet, The Skatalites, Tom Zé e Femi Kuti são alguns dos 48 grupos que já passaram pelos palcos do evento, onde se estima já terem estado cerca de 75 mil pessoas. O programa completo do festival 2005 poderá ser conhecido em detalhe, ainda em Maio, no site www.fmm.com.pt.

Câmara Municipal de Sines



A CAIXA

texto: David Pódua

desenhos: Edgar Raposo



Quando o homem da cidade regressa a casa pesa sempre nele uma película suja.



O autocarro fêz-lhe o silêncio das pessoas seguir e deixa-o quase à porta de casa.



Quando lhe apeteceu suspirar, como das outras vezes em que chega a casa, conteve-se. Há nele o mesmo faror, a mesma intenção de fecharer ao mundo um qualquer grito que o alertasse, que o alongasse no ar mais do que dois segundos e lhe permitisse contemplar o seu futuro.



Passam os cães,
andulam os
pequenos rapazes
em cima das
bicicletas. Há um
céu mesclado com a
noite e com todos os
fins possíveis.



O homem da cidade
abre a caixa do
correio.



Quando entra em
casa espalha as
cartas como se
fossem restos da
houquidão
humana.



O homem da cidade
repara num envelope
azul, um azul que
parece ter brilho e vida
própria, o homem da
cidade não espera
nada.



Quando desdobra a folha
que está dentro do envelope
azul, sabe que esse dia tem
outro atalho, outra
verdade.



ALASKA

O Projecto Final de Curso resultou num convite para o *World Congress on Computational Intelligence* nos Estados Unidos. E a organização teve a feliz ideia de fazê-lo no Alaska. Sempre quis ver a Aurora Boreal. Como qualquer recém licenciado em início de carreira, só tinha dinheiro para ir até às Berlengas, logo tinha um convite mas não tinha um bilhete. Fui para a porta da FLAD, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, com uma cópia de alta qualidade do Projecto e um resumo do trabalho em inglês (não houve tempo para mais) candidatar-me a uma bolsa para participação em conferências internacionais. Quinze dias depois tinha o bilhete: Lisbon, Newark, Seattle, Anchorage para MR DASILVA.

Mr Dasilva marcou logo férias no trabalho, uma situação complicada porque ainda nem estava há 6 meses na empresa. Mas o Alaska era o Alaska.

Fui com outros Portugueses que também se candidataram ao Congresso e com o meu orientador de trabalho final de curso, o Professor Agostinho Rosa, descendente de Chineses e que se confundia facilmente com um Esquimó a voltar à sua terra Natal.

Aterrei pela primeira vez nos Estados Unidos pelo Aeroporto de Newark. Mal cheguei para mudar de avião, vi que as empregadas de limpeza tinham uns aventais a dizer "Lisbon Cleaning, Inc". Fugi rapidamente para o outro avião antes que me pusessem um avental e lá fui para a terra do Bill Gates, Seattle. Ao levantar vôo, vi

Nova Iorque pela janela. Em Seattle, mudámos para um avião mais pequeno, onde fui confrontado com o principal problema da América, a obesidade. Vários Americanos com boné na cabeça compravam bilhetes duplos para o vôo, para sentarem uma nádega num assento e outra no outro. Com Mr Dasilva, claro, circunscrito ao terceiro assento, sem espaço para se mexer e um sorriso nervoso na cara, não vá o volumoso vizinho esborrachar-me sem querer. Observei que a tripulação teve o bom senso de dividir os volumes de forma igual no avião, não fosse este ficar desequilibrado.

Anchorage é uma cidade que sofreu um terramoto em 1964 e ficou delimitada por uma linha de fissura onde a terra ficou um pouco mais abaixo. Era Abril e ainda fazia frio. Logo, Anchorage estava parada no tempo à espera do único mês de Verão, Julho, em que se torna uma referência de lazer. Agora, parecia um deserto gelado e uma cidade fantasma com alguns arranha-céus. As casas de férias em bom estado estavam vazias e, como não usam cortinas para aproveitar todo o sol, parecia que alguma epidemia tinha feito com que todos desaparecessem. O culto do Halloween, nas Américas, torna este cenário ainda mais bizarro, com bolas gigantes em ferro pintadas de laranja e caras recortadas como as típicas abóboras. E, ao longe, um imenso arranha-céus... dourado, de cima a baixo, a ilustrar a corrida ao ouro que animou a cidade. Mas a contrastar com tudo isto, estão as



praças centrais cheias de Esquimós... de T-shirt e calções. Sim, enquanto o meu grupo se revestia de várias camadas de roupa para fazer face ao frio de Abril, os patuscos Esquimós já estão na Primavera e logo a estrear as suas roupas de Veraneio. T-shirt e calções, até me doíam os ossos só de ver. Ali, sentados nos bancos de jardim em amena conversa de fim de tarde.

Durante a nossa visita ao Alaska, houve uma manifestação de 500 comunidades indígenas em Anchorage contra a lei Americana sobre a propriedade da terra. Os seus direitos seculares à terra estavam em causa. Estavam vestidas com os trajes típicos das suas culturas, que nós reduzimos apenas aos Esquimós. Contudo preferem ser chamados Inuits (*Esquimó* significa em língua nativa da América do Norte "comedor de carne crua", enquanto *Inuit* significa "a pessoa" ou "pessoa real"). Milhares e milhares de Inuits enchem a praça central de Anchorage. A manifestação transformou-se num convívio e numa festa ímpares. Havia pessoas reais por todo lado, até em cima dos telhados. Levei a minha câmara com rolo a preto e branco e perdi a cor deste momento, dos trajes, das músicas, das comidas e da enorme cordilheira gelada das Montanhas Chugach ao fundo. Provei a célebre carne crua e seca. Parecia pastilha elástica salgada, porque é preciso mastigar bastante para ficar suculenta.

À noite íamos jantar a um restaurante que combinava um café familiar com



um bar de estrada Americano, ótimo para nos refugiarmos do frio. Cheio de gente, o que contrastava com as ruas de Anchorage, e empregadas com mini-aventais e patins. Os pratos de salmão eram divinais mas havia um genuíno que, pela sua raridade, era para nós a verdadeira especialidade do restaurante. Um prato único que não há em mais sítio nenhum. Era uma massa com pedaços gigantes e suculentos daquele músculo que faz abrir a concha das Ameijãs. Quando se come Ameijãs em Portugal, tira-se aquela parte suculenta do meio, que não convém descrever com muito detalhe, e fica sempre um pedaço agarrado, mais fibroso e cilíndrico, que é o músculo que abre a concha da Ameijã. No Alaska, as Ameijãs são *king size* e esse músculo é mais tenro e sabe a verdadeiros pedaços de lagosta. Devorei vários pratos desta massa com cilindros gigantes de Ameijã enquanto estive no Alaska.

Alugámos um carro para ir a Seward, a sul, ver o Alaska Sealife Centre, recentemente inaugurado. Foi construído com o fundo criado, após o derrame do Petroleiro Exxon Valdez, em 1989, nas margens da Península Kenai no Alaska, para a recuperação e preservação da vida marinha. O derrame aconteceu por colisão com um glaciar, devido a negligência (fadiga ou consumo de álcool pela tripulação) e por falta de um sistema de controlo da posição dos barcos na costa do Alaska.

Na volta, decidimos ir a Fairbanks,

a cidade mais a norte e próxima do Círculo Polar Ártico, para ver a Aurora Boreal. Foi a primeira vez que conduzi um carro com mudanças automáticas. Após alguns pára-arrancas, em que várias vezes ficámos com as caras coladas ao vidro do carro (o hábito de pôr mudanças leva-nos a carregar no pedal da embraiagem que afinal é o travão), lá fomos, numa paisagem gelada, pela estrada paralela ao grande braço de água chamado Knik. A cordilheira ao fundo, a delimitar o horizonte, e as águas com movimento quase suspenso como se fossem a face de um vidro martelado. Andámos e andámos, e nada. De vez em quando, havia zonas de paragem para piqueniques, mas naquela paisagem gelada não era o mais conveniente. Apenas tinham uns bancos cheios de neve e aquelas caixas-casa-de-banho usadas nos concertos, também congeladas e nada convidativas. Não havia pior fim para a minha existência que ficar com os dedos colados ao gelo da porta de uma destas casas de banho. Branco sobre branco... menos branco sobre menos branco... cinza sobre cinza. Começava a distinguir os 8 níveis de branco dos Esquimós.

Começou uma enorme tempestade e fomos forçados a parar na cidade mais próxima, Portage. Cidade é uma força de expressão. Esta cidade tinha 2 casas e um lereiro "Welcome to downtown Portage. Stop & Eat or we'll both starve!". Auspicioso. A baixa de Portage eram aquelas 2 casas e, pelos vistos, o turismo era fundamental para a sua sobrevivência.

Ainda se lia "Our Mayor does the best bacon and eggs!". Numa cidade tão *grande*, o Presidente da Câmara também é o cozinheiro do Café da zona. Ali estava ele, lá ao fundo, com um chapéu branco, a fazer uns ovos com bacon, divinais por sinal, e, ao nosso lado, quem devia ser a mulher do Presidente, com um avental e um sorriso gengival americano a anotar pedidos. Es-perámos que a tempestade passasse. A nossa frente estava um enorme glaciar de branco-azul meio tapado pela outra casa da cidade, uma loja de *souvenirs*. Saímos para ver o glaciar e, ao falar com o responsável pela loja de *souvenirs*, vagamente semelhante a uma colagem entre o cozinheiro e a empregada do Café, fomos informados que a Cidade estava mesmo no sopé do maior Glaciar do Alaska. É isto que surpreende nos Americanos, ao lado de qualquer coisa grande há uma exploração de *souvenirs* e uma placa com "O maior *não-sei-quê* do Mundo". Voltou a tempestade. Começámos a ter receio de continuar, pois a estrada era um manto gelado e não tínhamos correntes para as rodas nem nos fizémos acompanhar por nenhum guia. Se usássemos os nossos amigos de Portage, teriam de fechar 50% dos serviços da cidade, o que não nos pareceu adequado. Viémos a descobrir que Portage fora, de facto, uma cidade mas que foi engolida pelo terramoto de 1964 e inundada por uma enorme onda. Com este facto na cabeça, voltámos para Anchorage e o sonho de ver a Aurora Boreal foi adiado.



No Caminho de Rogério Nuno Costa
foto José Luis Neves 2005



o papel do produtor no processo de criação

breves reflexões

Das várias razões que se podem apontar em relação à importância da produção no processo de criação, muitas delas prendem-se com a facilidade com que nesta área se lida com determinados aspectos que vão permitir a sensibilização para o usufruto dos objectos artísticos, desde a formação de público ao contacto com o tecido empresarial, passando pela criação de laços entre diversas estruturas de forma a rentabilizar esforços e oportunidades.

É nesse sentido que, cada vez mais, o caminho não deve ser de separação de tarefas e execução das mesmas, mas antes a defesa do objecto a partir de várias frentes. O trabalho de produção será só uma dessas frentes. E isto vale tanto para os criadores, como para quem faz produção e também para o tecido (cultural, social, económico, político) em que se inserem. Considera-se a produção como sendo o processo e conclusão da criação de um objecto passível de ser entendido como artístico. Contudo, o termo aplicado a

Bibliografia citada:

PAVIS, Patrice, *Dicionário de Teatro*, S. Paulo: Editora Perspectiva, 1996; Agradece-se a colaboração de Maria José Jorge

quem faz a produção não corresponde directamente ao produtor. Na verdade, ninguém faz a produção, mas antes, ela resulta de uma combinação de esforços das várias áreas executantes desse mesmo objecto. É por isso que devemos distinguir o 'trabalho de produção' da 'produção' propriamente dita. Uma corresponde à execução de uma série de tarefas que permitirão a criação de condições para a exequibilidade da proposta e a outra é a proposta em si. Define Patrice Pavis, no seu «Dicionário de Teatro» que *“o inglês production tomado como encenação, realização técnica, sugere bem o carácter construído e concreto do trabalho teatral que precede a realização de todo o espectáculo. Às vezes se fala de produção do sentido ou produtividade de cena para indicar a actividade conjunta de artesãos ou executores dos espectáculos (do autor ao actor) e do público (recepção)”* (Pavis, 1996: 307)

É no entanto frequente pensar que uma e outra são a mesma coisa, o que deriva, normalmente, na ideia de que o trabalho de produção não é um trabalho de criação, ou melhor, de que a produção não é criativa. Se a origem desta ideia pode ser datada historicamente, hoje dificilmente se concebe uma estrutura – ou mesmo um projecto – sem se contemplar o trabalho de produção e alguém que o faça. Mesmo quando não se atribui essa função a terceiros, os criativos acabam sempre por se tornar produtores, o que nos levará ao conceito verdadeiro da função: produtor é aquele que proporciona os meios para a execução de um determinado objecto; é, no fundo, o responsável máximo e o garante do cumprimento dos objectivos traçados, devidamente enquadrados no seu contexto.

Em termos históricos, a recusa de um lugar para a produção é anterior à Revolução de 1974 e resulta de

*Produtor, crítico de teatro e investigador de História da Produção de Teatro em Portugal.



Rua de Sentido Único de Mónica Calle
foto_CasaConveniente 2001

uma prática teatral muito associada ao empresariado (o termo produtor nem sequer existia) que, por sua vez, sustentava os espetáculos num equilíbrio entre as receitas de bilheteira (logo, nos gostos do público) e as intenções dos criadores (portanto, incluindo as suas referências e manipulação das condicionantes). A prática teatral partia do investimento de um empresário que dispunha de uma companhia disposta a ter o maior sucesso possível, mesmo indo contra os gostos dos criadores. O facto de não existirem apoios regulares do estado (os primeiros subsídios datam de 1954, mas eram de tal forma condicionados e irregulares que não permitiam a construção de uma rede de suporte do tecido cultural) e a presença forte de uma censura, impediam as companhias de se desenvolverem artisticamente. Existiam alguns exemplos cujo peso da direcção artística se fazia sentir, mas nunca ausente de uma lógica económica.

Com o aparecimento das companhias independentes (final dos anos 60 – princípio dos anos 70), começa a recusar-se uma relação entre a economia e a arte, uma vez que a aposta passou por uma apresentação (contra tudo e todos) de objectos ou proibidos ou pensados fora de uma lógica económica. As companhias juntaram-se sob a forma de um colectivo, em que as diferenças de funções não existiam. Ainda hoje, muitas dessas companhias independentes recusam um lugar específico para a

função (ou pelo menos a utilização da nomenclatura), antes preferindo considerar que o trabalho de produção existe porque existe criação. O que não sendo falso, impede os próprios objectos de se destacarem, uma vez que se impedem a um discurso passível de ser enquadrado em lógicas de mercado. É, no entanto, difícil definir o momento exacto em que o trabalho de produção começou a interferir criativamente no processo de criação. Se, por um lado, se pode afirmar que sempre esteve presente, atendendo a que nada se fez sem que se ponderassem as condicionantes de produção, esta é uma visão que reduz a função da produção a um mero executante, sem querer considerar que, por vezes, as razões circunstanciais fazem do objecto proposto uma outra “coisa”.

Tenhamos, por isso, em conta a forma como as novas propostas performáticas (sobretudo a partir de 1990) encontraram o seu lugar dentro de uma lógica de criação consciente da envolvente: a utilização de espaços não-convencionais numa lógica não de improvisação mas de site-specificity, um regresso à utilização do corpo como ferramenta dramática (onde a influência da dança é notória) e o questionamento do papel do público dentro de um espectáculo. São disso exemplos as propostas de Mónica Calle, Lúcia Sigalho, Teatro Praga, Patrícia Portela, Margarida Mestre, Sónia Baptista, Tiago Guedes, Rogério Nuno Costa, Cão Solteiro, Projecto Teatral, Susana Vidal ou o extinto colectivo Olho.

Estas linhas de força permitem pensar uma nova relação entre a criação e a produção, uma vez que pensar o lugar da produção no processo de criação não implica a substituição de um olhar artístico nesse mesmo processo, mas antes aliar práticas, métodos e conceitos que, muitas vezes, permitem aos objectos uma melhor contextualização e, até, impedir a efemeridade inerente às artes performativas. Sobretudo porque muitas das propostas artísticas carecem de uma linguagem passível de ser entendida por quem permite a realização financeira dos mesmos.

Por isso é importante olhá-los como produtos, não no sentido pejorativo do termo, mas num que permita pensar que o preço da arte é o resultado de um valor artístico e um valor social. Portanto, na dependência da raridade do bem e na fruição desse mesmo bem. Logo, ‘produtos culturais’ que mais do que um resultado imediato (ou um retorno económico) permitem a definição de valores estéticos e artísticos, um lugar para a criação e, sobretudo, um pensar sobre as condições de produção. O termo ‘produtos culturais’ sublinha a ligação dos objectos com a produção e o trabalho envolvido, ao passo que ‘bens culturais’ parece sublinhar a ligação do objecto cultural com o ambiente social, ainda que não esteja ausente a conotação da posse e do benefício dessa posse.

Razão pela qual uma reflexão sobre o lugar da produção no processo de criação não pode ser omissa a um questionar da envolvente, especialmente quando é essa envolvente que determina a criação de objectos. Nesse aspecto, há várias questões que se podem colocar e que se cruzam com a criação artística, logo, o trabalho de produção.

Questões que passam, por exemplo, pela necessidade de reconhecimento do estatuto sócio-profissional dos artistas (todos eles); atribuição de apoios e subsídios de forma regular, lógica e baseada em critérios amplos e não numa tentativa de uniformizar as propostas; desenvolvimento de um trabalho de sensibilização junto das empresas de forma a tornar mais eficaz a lei do mecenato (que impeça, até, o próprio Estado de ser concorrente das estruturas/propostas); definição de objectivos culturais que passem por uma formação de públicos que obrigue a uma aproximação entre o Ministério da Cultura e Educação (incluindo a retirada das propostas infanto-juvenis dos concursos de carácter geral para um próprio e regulado de acordo com as necessidades do mercado) e, naturalmente, não só a independência financeira dos institutos de cultura, mas o assumir a imperiosa necessidade de um Orçamento para a cultura de 1%.







quando da história

Algures, numa biblioteca, há uma folha que tem impressas palavras, frases e ilustrações nas suas duas páginas. Por dentro é azul e enrola-se em espiral. Acrescente-se um pormenor: esta folha tem 2,5 m de altura e 16 de comprimento. Do imaginário literário de Sophia de Mello Breyner Andresen, Fernanda Fragateiro fez nascer um lugar para se viver a leitura. Chamou-lhe *Das Histórias Nascem Histórias*. Apresento esta exposição e alguns dos seus pressupostos relativos à formação de leitores.

O convite partiu do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas: criar uma exposição itinerante para as bibliotecas da sua rede dirigida ao público infantil e que tratasse o tema **leitura**. Foi feito à artista plástica e ilustradora Fernanda Fragateiro. A eleição de Sophia foi quase imediata. E percebemos bem porquê. Raros são os autores que conseguem assim descrever atmosferas, saídas do mundo físico, observável, e depois descobrir neles espaços infinitos, outros. E é dessa espessura imensurável que o acto de fruir um texto literário consegue acrescentar, que esta exposição pretende tratar.

Escolhidos foram dois livros: *A Floresta* e *A Menina do Mar*, buscando-se neles uma pequena geografia de polaridades complementares, um mundo completo para inaugurar. O espaço tem como ideia estrutural a de ultrapassar a bidimensionalidade, metaforizando o que acontece na fruição de uma obra literária. Não se trata da transposição plástica da linguagem escrita, nem tão-pouco da produção de leituras acabadas. Falamos do que pode ser a experiência estética da arte, neste caso da literatura. Pensou-se também na ideia de **caminho** e na de **entrada**. Depois, a de leitura como **leituras**: a individualização do conceito de leitor. Por isso esta exposição, que tem como público-alvo os meninos dos 6 aos 9 anos, foi pensada em forma de percursos. Para além do módulo principal, uma espiral de 5 m de diâmetro, uma escultura ritualizada

e poética, há uma série de outros elementos autónomos que entre si estabelecem relações e se acrescentam: duas gavetas “mágicas” que saem da parede, duas mesas magnéticas onde flutuam palavras, uma mesa com seres do mar e da terra para tocar e um mural para deixar palavras.

Correspondem a etapas que pressupõem fazer reflectir, através da experiência sensorial e da interpelação do sujeito, as várias dimensões implicadas na leitura de um texto.

1º ESPIRAL

Parece uma enorme folha de livro semi-enrolada. É a possibilidade de entrar fisicamente dentro de uma história. São criados dois ambientes: no exterior *A Floresta* e no interior o fundo do mar. Os ambientes são dados pela imagem e pelas frases retiradas dos dois livros que ondulam neste cenário ora sopradas pela brisa da terra, ora embaladas pelo movimento das ondas. Do corpo e forma dos caracteres tipográficos procura-se comunicar sentidos, assim como do seu alinhamento. No interior azul, há seres marinhos suspensos, desenhados a branco. Há também uma cadeira. Por fora, desenham-se árvores, folhas, flores, borboletas, pássaros e formigas. Há uma menina e há um anão.

O primeiro momento é de encantamento. Somos atraídos por um som - íman - para dentro da espiral. É uma voz que nos chama para dentro do mundo de Sophia. No centro, está um actor-leitor, com um livro na mão. Lê o encontro entre o menino da terra e a menina do mar. Depois, outra voz chama e por ela somos reclamados para fora. Somos convidados para um passeio em torno da espiral que agora é a floresta. Conhecemos Isabel e o anão através da voz e da linguagem corporal de outro actor. É um contador. Guarda na memória as palavras que diz. Para seguir o fio da história, há que caminhar, recuar, sentar e seguir.

2º GAVETAS MÁGICAS E POSTAIS

Duas gavetas surgem da parede. São

mágicas porque guardam uma gargalhada fininha e uma voz que dá instruções. São mágicas porque se abrem e fecham sozinhas. Lá dentro há três postais para cada criança. Um pede que se guardem nele as três palavras mais especiais escutadas ou lidas. Outro, que se desenhe uma casa para um anão que caiu das páginas de um livro. O último postal pergunta: o que levavas contigo da terra se fosses viver para o fundo do mar? É ser a personagem sendo eu próprio, senti-la, sentindo-me. Os meninos que não sabem ou não podem escrever são ajudados ou desenham. Estamos no segundo momento do percurso, isto é, como num segundo momento enquanto leitores: mais intimista, analítico, em diálogo com o texto, recolhendo dele o que fica registado em nós. Experimentamos também o lugar do autor, sobretudo o do ilustrador. Os meninos circulam livremente e podem voltar à espiral para reler as cores e as palavras. São variadíssimas as respostas: levam-se para o fundo do mar muitos telemóveis e computadores, o centro comercial Colombo (porque lá há tudo), a dispensa e papel higiénico... E também muitas fotografias, ursinhos de peluche, os pais.

3º MESAS

MESAS MAGNÉTICAS

São duas. Uma reflecte o mar e outra a floresta através das imagens impressas no tampo magnético. Flutuam nelas, atraídas pelo íman, palavras gigantes, escolhidas e recortadas dos dois textos de Sophia. A ideia é arrumá-las como frases. Não há regras. Brinca-se, percebendo que as palavras podem ser como as formigas, em carreirinhos umas atrás das outras, ou peças de lego. Entende-se que a escrita pode ser trabalhada e recriada. A matéria-prima de que aqui dispomos é nobilíssima: são as palavras de Sophia. As frases resultam insólitas, poéticas, inesperadas.

MESA DO MAR E DA TERRA

É um objecto artístico de onde nascem raízes, algas, flores, insectos, plantas. É como se as ilustrações da

as nascem histórias

espiral tivessem ganho vida através do volume e da tridimensionalidade. É uma mesa sensorial para ler com as mãos. Foi especialmente pensada para os meninos que não sabem ou não podem ler, mas serve de ponto de partida para todos contarem histórias. A dois, mãos atraídas como ímanes, alguém começa: “Era uma vez um peixe que usava como brincos um par de cerejas...”

Neste terceiro momento, o leitor está já numa fase mais madura; impregnado ainda pelo texto literário, recria, inventando os seus próprios textos. Experimenta também o papel de contador e o de leitor em voz alta.

Último: MURAL

Idealmente será um vidro que separe o interior do exterior. Noutros casos podem ser folhas gigantes de papel. Pede-se o registo de uma frase especial vinda das mesas magnéticas ou de uma palavra que condense todas as experiências. Que dê a ler o que se leu.

Os vários conceitos deste percurso entrelaçam-se: a leitura como **entrada** ou **mergulho**: o centro da espiral, as gavetas, o ir lá dentro para buscar inspiração. O **círculo**, a espiral como planeta posto em rotação de 360° pelo nosso movimento de leitura em torno dele. Circularidade, como no contar. A noção de **tempo**: ouvir, ler ou contar, viver o desenrolar da história seguindo o contador como quem cumpre um ciclo de vida. A ideia de **íman**, de ligação (ou religação) que a arte comporta. O livro como um **espaço** e lugar, e também **acolhimento**, como no mar ou nas gavetas que guardam uma voz, que pode ser uma escrita, e que guardam a memória.

Muitos destes conceitos são também activados pelo trabalho dos actores que habitam este percurso. Trabalham em pares: um para o mar, outro para a terra. Cada actor criou um estilo próprio, uma forma individual de contar – como um leitor. Uns são mais exuberantes, outros mais recol-

hidos; uns têm gestos mais largos, outros mais contidos... mas todos se servem dos dois elementos essenciais para contar histórias: o corpo e a voz. E salientava isso mesmo: o corpo e a voz em contraste com os mil e um adereços que é comum observar quando anunciada é uma “animação de leitura”. Os adereços são usados como se se tentasse esconder o mais possível a “humanidade” de que somos feitos para que uma panóplia de outras coisas consiga melhor interpretar o texto. Perde-se o olhar, lê-se escondendo o mais possível a voz ou então o contrário, grita-se muito; os braços e as pernas são prolongamentos estranhos, ora rigidificados ora desenhando movimentos solenes e desusados. Perdemos a vida real que o texto nos pede para se iluminar e comunicar. Esquecemo-nos completamente de que o “animador de um texto”, em primeira e última instância, tem de ser um leitor desse texto, e tenta-se (às vezes muito) ser outra coisa qualquer.

Obviamente que não estou a defender a exclusão de objectos no contar de histórias; é deles que muitas vezes se consegue o sentido que faltava, a imagem inesperada, a frescura ou a poesia. Só que esses objectos terão de emergir dos próprios textos, cumprindo os seus sentidos, tornando-se vida cá fora. E isso requer uma leitura profundíssima e rigor. Há disso exemplo no trabalho da equipa de homens e mulheres do mar e da floresta: uma cadeira pode ser ora uma janela, ora monte de areia, ora uma cama de algas, ora.... Sublinhe-se aqui a iconografia não literal, poética, alargando os sentidos e refazendo semânticas.

E o repto começava no encontro destas duas autoras excepcionais que traduzem a sensibilidade do mundo de uma forma invulgarmente luminosa. Ambas inventam lugares perfeitos e estruturados, numa linguagem que é clara mas nunca é infantilizante.

E nesta atmosfera temos um espaço – e neste momento refiro a formação de públicos. A espiral parece ter

sido feita à nossa medida. A escala é quase real. Somos convocados a pertencer. O convite é da ordem do gesto, da dança. Lembro-me sempre do encantamento do *Flautista de Hamelin*.

E porque se é “fisicamente” parte, a verdade da arte passa a ser inquestionável. É evidente que o anão-menino sem barbas que Fernanda desenhou e o anão de 300 anos que Sophia escreveu são dois e também podem, aqui, ser um só. Falo de uma liberdade tantas vezes distante do ensino: perceber que o céu pode ser cor de laranja, vermelho ou roxa a copa de uma árvore e que não há que pintar por dentro de desenhos fotocopiados. Perceber que é pela obra de arte que a liberdade se conquista e se motiva, perceber que a leitura de um texto literário oferece esse caminho se nos deixamos ir, ou melhor, se nos deixarem lá chegar. Alguém disse que a formação de leitores implica, mais do que ler até ao fim, ler até ao fundo. *Das Histórias Nasce Histórias* propõe esse mergulho.

Texto elaborado a partir de uma comunicação apresentada no encontro *No Branco do Sul* da ESE de Beja em Fev. 2004, pela autora.

Para uma exposição com estas características, Fernanda convocou uma equipa base de trabalho: um designer de equipamentos, José Borges, uma designer gráfica, Catherin Loerke, um artista plástico para os adereços, José Fragateiro, e alguém que trabalhasse os aspectos literários e os suportes textuais e que, em conjunto com ela, pensasse as questões pedagógicas inerentes ao público infantil. Este foi o meu papel. Mais tarde junta-se um elenco de actores coordenados por Madalena Victorino do Centro de Pedagogia e Animação do CCB para dar voz e corpo às histórias. A exposição teve a sua inauguração no CCB – curiosamente no dia de aniversário de Sophia a 6 de Novembro de 2003.



/ Mondadeiras de arroz nas várzeas alagadas de Brescos

Quem hoje for espreitar a várzea do Monte Velho, subir à Serradinha, olhar mesmo que de relance os campos alagados da foz da ribeira da Cascalheira, aos pés do Monte do Paio; quem quiser perceber na paisagem o sentido de lezíria, no Monte que lhe toma nome, verá de todos esses sítios a Lagoa de Santo André, vasto e sereno espelho de

água que, à força de homens, bestas e máquinas, todos os anos vai ao mar, num acto esforçado e secularmente repetido, em que águas, as acumuladas pela invernia, se misturam e trocam com as que são trazidas pela energia do mar, renovando ciclos de vida e de fecundidade. Mas daí, de todos esses sítios, já ninguém distinguirá os campos de

arroz, com o apumado e regular desenho dos seus canteiros, que, pela Primavera, se deveriam estar a encher de água, beneficiando a terra descoberta com a abertura da lagoa ao mar da fertilidade deixada por fina camada de sedimentos que a *enateirou*, como aí se dizia. E, no entanto, foi há pouco mais de trinta anos que Augusto Rocha Soares



fixou estas “mondadeiras” na várzea da Brescos.

Captou-lhes o movimento, o labor quase coreográfico, a agilidade dos corpos, a firmeza das pernas, a diligência do acto, os dedos deformados. Da sombra do chapéu, irrompendo da moldura do lenço, no viés do olhar, uma boca entreabre-se de surpresa, sem que o gesto rotinado

nem por isso deixe de ser seguro. E as vestes! As saias curtas; as meias subindo, sobrepondo-se, moldando-se na curva dos corpos; outras meias, tornadas mangas, depositando apenas nas mãos nuas a certeza do gesto, a presteza do trabalho.

É como se a imagem pendulasse, nos seus múltiplos reflexos, entre o rigor do trabalho e a sensualidade dos corpos.

Rocha Soares, amador da fotografia, no mais pleno e generoso sentido, captou, e legou-nos, nesse ano de 1973, um dos últimos momentos do ciclo do arroz, longo de quase duzentos anos, que trouxe gente e trabalho, prosperidade e doença, dureza e alegria aos campos alagados de Santo André.

Depois vieram, ainda que uns bons quilómetros para sul, fábricas e máquinas à sombra do porto de Sines e das suas águas profundas. Acreditaram políticos, engenheiros e urbanistas do tempo que seria possível construir uma cidade que abrigasse tanta gente que os seus limites chegariam às margens da Lagoa. Expropriar-se-iam então os terrenos. Sistemáticamente, como se disse e fez à época, arrastando consigo o fim do arroz a par de dolorosos e duradouros ressentimentos por parte de quem tinha, na maior das vezes, pouco mais que escassas nesgas e palmos de terra.

Num trabalho intensivo com picos pelas mondas e pela ceifa especialmente, exigindo grandes contingentes de braços alagados, predominantemente femininos, vindos dos montes, aldeias e lugares à volta, feitos de mulheres e filhas de assalariados rurais, evidentemente, mas

* Agradecendo a D. Helena Soares pela autorização de utilização da fotografia e a José Matias e Fernando Mão de Ferro pela disponibilidade na concretização dessa intenção

também de pequenos e pequeníssimos lavradores e seareiros, na mira de magros suplementos para orçamentos familiares exíguos.

E quando o trabalho aqui escasseava rumavam para norte, para as grandes herdades no Torroal, no Carvalhal, na Comporta, subindo ao vale do Sado, ocupando-se nas largas várzeas de Alcácer, galgando o rio até ao Pinheiro, onde se concentrava a grande, a enorme exploração arroseira que absorvia milhares e milhares de braços.

Misturavam-se aí com gentes que vinham do sul e falavam a cantar e com ratinhos e gaibéus que chegavam da serra agreste a norte, de terras pobres e divididas, deixando famílias ou trazendo-as para campanhas de meses a fio, aquartelados em grandes casões ou toscos casebres, onde a intimidade se desconhecia. Dessa grande saga ficam testemunhos e histórias contadas ou lembradas, mas ficam também fotografias como esta de Rocha Soares a apontar um tempo que passou, um tempo de fronteira entre o velho mundo rural e uma agricultura rica, abundante nos lucros e proventos, mas que repousava na força dos homens e das mulheres, tão escasso era ainda o aproveitamento das capacidades tecnológicas.

E continua praticamente por fazer a história desses movimentos cíclicos de grandes bandos de gente deslocando-se e cruzando-se pelas estradas do país em busca de trabalho e de pão, frequentemente submissos, mas ágeis no trabalho e contagiantemente alegres nos raros serões, festas e adiafas, como quem quer espantar as dores e os males da vida.



Apoios:

Câmara Municipal de Santiago do Cacém

Câmara Municipal de Sines

Instituto Português da Juventude

Direcção Regional da Cultura do Alentejo